

Gabriel Sant'Ana | Jonatas Tosta B. | Lucas M. Carvalho | S.



# Poligrafia

artes

[poligrafia.me](http://poligrafia.me)

# APRESENTAÇÃO

## Canta-me, ó Musa

Quando voltamos nossos olhos aos dois poemas épicos de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, percebemos um começo bem semelhante, quase um ritual de abertura: “Canta-me, ó musa”. A invocação das filhas de Zeus com Mnemosine – ao menos em algumas das versões do mito – estabelece o clima solene da epopeia, o que canta não é brincadeira de mortais, mas matéria sagrada: a voz da própria Memória derramada por sua prole inspiradora.

O ritual é mantido na *Eneida* de Virgílio, e mais de mil anos depois ainda ecoa no

imaginário do mundo, seja sussurrando a queda do homem a Milton ou os confrontos em Sete Povos das Missões a Basílio da Gama. Camões, muito esperto, vendo que a Grécia de seu tempo só brilhava em seu passado mítico, dispensa as musas antigas e fica com a ajuda das ninfas do Tejo, que moravam mais perto de casa e, claro, falavam o bom português, facilitando o processo.

Ainda que a maioria invoque a Musa no singular, não esqueçamos que muitas havia, nove ao todo, organizadas por Apolo. Na Grécia, o sistema era novo e cada uma inspirava como podia. Coube aos romanos colocar ordem na casa e dizer quem cuidava do quê: Calíope da épica, Clio da história,

Euterpe da música de flautas, Erato da lírica, Terpsícore da dança, Melpomene da tragédia, Talia da comédia, Polímnia dos hinos e Urânia da astronomia.

Hoje nos soa estranho uma musa só para as flautas – a quem recorreriam os compositores de oboé? –, e os historiadores não costumam clamar pra si o título de artistas – salvo talvez os professores de história que compõem músicas para facilitar a adesão da matéria. Deuses morrem. Novos ganham força. Artes morrem, novas ganham força.

Se outrora as musas cantavam a literatura, hoje as deixaremos descansar e inverteremos o jogo: faremos a literatura cantar as musas. Essa edição do Poligrafia é

o primeiro volume de três que farão uma jornada pelas artes, algumas antigas, algumas novas: música, dança, pintura, escultura, poesia, teatro, arquitetura, prosa, gastronomia, fotografia, cinema e moda.

Seja representado um fazer artístico, refletindo sobre obras ou mesmo tomando uma arte como metáfora para a vida, esta edição do Poligrafia o conduzirá ao divino salão das musas. Boa arte!

S.

## SUMÁRIO

Adriabelle ..... 7

*Lucas M. Carvalho*

Do vaivém I (ou a dança quotidiana)..... 33

*Gabriel Sant'Ana*

À sombra do Sol ..... 47

*Jonatas Tosta B.*

O banquete ..... 116

S.

# ADRIABELLE

*Lucas M. Carvalho*

Quando toquei as areias desta ilha pela primeira vez, nos dias em que a cegueira ainda não me tinha corroído os olhos, jamais poderia prever que nela eu encontraria duas coisas tão opostas: minha absoluta ruína e Adriabelle. Hoje entendo que a primeira é o preço inegociável a ser pago pela segunda. Esta ilha há muito tempo deixou de ser minha simples habitação, pois sua rocha e minha carne se tornaram um único ser simbiote: sinto que o sangue vertido pelas feridas de meus pés descalços foi sorvido ao longo das décadas,



e, em troca, o rochedo me concedeu o barro e o mármore necessários à minha obra.

O perspicaz Ulisses também teve suas próprias ilhas, e nelas possuiu Circe, Calipso e Penélope. Eneias, em seus caminhos pelos mares gregos, possuiu Dido. Os filhos de Luso, liderados por Vasco da Gama, possuíram Tétis e suas ninfas, na Ilha dos Amores. Embora eu não tenha a honra de destruir Troia, de gerar Roma ou de encontrar o caminho das Índias Orientais, possuo algo semelhante a eles. Semelhante, porém superior. Nem Helena, que causou a guerra, nem Tétis ou a própria Vênus ousariam se comparar à minha Adriabelle.



Todavia, ao contrário de Ulisses, que foi arrastado pelos mares como castigo por ter despertado a fúria de Netuno, a minha desventura tem origem humana. Mas é claro que um homem não pode escolher seus castigos. Eu sempre desejei, como todo marinheiro, ser sepultado no mar pelas tempestades, ou devorado pelo Leviatã ou pelo Kraken. Cheguei a desejar escorrer pela borda do mundo para a imensidão onde cairia para sempre. Mas o destino me reservou um fim mais inglório: o motim. Meus marujos, liderados pelo primeiro imediato no comando do galeão, se rebelaram quando navegamos perto do meridiano 84°W. Vínhamos das ilhas de Antígua e Barbuda com um carregamento

de açúcar, pólvora e tabaco, e rumávamos Costa Rica. A carga era tão volumosa que o navio adernava dezesseis graus a bombordo, e não conseguíamos navegar a mais que quatro nós. Meu primeiro imediato, filho de uma nativa de Guadalupe e um comerciante holandês, havia me advertido da presença de um corsário espanhol naquelas águas. Eu retorqui que eram apenas rumores, mas a tripulação teve medo. O imediato insistiu, houve gritos. Eu estava ébrio de rum. Disseram, no dia seguinte, que eu tentara matar dois homens com um caco de vidro – mas não me recordo do fato. Tenho certeza, como sei que o sol nascerá a cada dia, de que não passou de um ardil para se apossarem do

navio, da mercadoria e do pequeno tesouro de minha família que havia no cofre da cabine principal.

A tripulação, em sua maioria, exigiu minha morte: que eu fosse atirado do navio com uma bala de canhão acorrentada ao tornozelo. Mesmo Willy, um grumete de doze anos de idade, que tirei das ruas de Amsterdã e salvei da miséria, unia-se ao diabólico coro. Contudo, não se rebaixariam a tal barbárie – mas também não me trariam à terra firme para um julgamento justo, pois não havia crime em mim, e meu dinheiro e minha influência tornariam suas vidas um inferno. Fato é que fui amarrado na proa do navio, onde ficaria

até que encontrassem uma ilha deserta para que eu fosse deixado à própria sorte.

Navegaram em direção ao Atlântico. Vinte e um dias depois, vi o contorno do lugar. Uma encosta soturna, pontas dos dedos de um titã de pedra cujas solas dos pés penetrariam o Tártaro. O contramestre se recusou a me revelar o nome da ilha ou sua posição no mapa. Os demais marinheiros sequer olhavam em meus olhos, temendo ver o reflexo de seu crime imperdoável. O galeão circundou os rochedos até o norte, onde havia uma praia; ancoraram, e dois marujos me puseram no bote e remaram até o raso. Empurraram-me para fora, sem desembarcar, e nem mesmo tocar a areia da ilha (lembro-me com

clareza incorruptível, porque sei que fui o único homem mortal a tocar este virgem lugar). Lançaram ao meu lado um pequeno baú de ferramentas, ínfima dádiva que poderia prolongar minha sobrevivência ou adiar meu inevitável definhamento. Naqueles dias, eu vi tal baú como um gesto de misericórdia, uma migalha de humanidade que restava nas almas dos traidores; mas hoje entendo que não passava de uma tentativa débil de saciar a culpa que os atormentaria até o último de seus dias, como as Erínias berrando ininterruptamente aos ouvidos do matricida Orestes.

Uma heresia, depois uma bênção; uma abominação, depois um paraíso: muitos foram os nomes que dei ao trecho de

dezesseis milhas quadradas que passei a habitar. Seu solo era infértil, e a pouca vegetação que nele crescia era amarga ou venenosa. A rocha áspera me recordava, dia após dia, que o mundo se criou sem considerar que pés macios precisariam pisá-lo. Encontrei uma caverna, galerias compridas e estreitas que davam voltas sem destino nas entranhas do rochedo, como um novelo de lã que os demiurgos se esqueceram de desfazer – e por elas eu caminhava horas a fio, buscando um lugar inalcançável, como se pudesse chegar a Nova Iorque ou a Lisboa, ou quiçá aos esgotos de Paris. Mas sempre voltava a ela, àquela que chamei Adria, o rochedo cravejado no Mar do Caribe, cujo formato

ignóbil parece refletir um símbolo cósmico de entidades mais antigas que o mundo, talvez mais antigas que Deus. Adria, a ilha imponente que nada dizia, ou que talvez estivesse dizendo sem parar, mas não podia ser compreendida pelo homem sem furtar-lhe a sanidade.

O tempo engrossou minha pele e arrancou meus dentes. Uma relva tão grosseira como a de Adria cresceu em meu rosto. Minha carne se acostumou com os cardos e os espinhos; aprendi a viver da pesca e de algumas frutas amargas. Não havia aves ou qualquer roedor ou réptil. Risquei na rocha a passagem dos dias, mas apenas até o milésimo. Depois disso abri mão da contagem (que erro crasso!), o que



fez com que perdesse o domínio sobre o tempo e, conseqüentemente, visse muitas outras noções humanas se diluírem diante de meus olhos: a moral, o propósito, a palavra. Como um animal, passei a viver no eterno presente.

Talvez tenha sido a solidão o que me impeliu a começar a esculpir. No norte de Adria, num sulco perto da praia, encontrei barro de cor alaranjada. Acredito que o primeiro rosto que fiz foi o de minha mãe. A esfera de argila, pressionada pelos meus polegares e regada pela água do mar, aos poucos se ajustava como um organismo vivo em metamorfose, modelando-se em detalhes geométricos nos seus infinitos músculos faciais. Tempos depois

abandonaria o barro e descobriria o mármore negro, entranhado de obsidiana, que revestia grande parte das galerias subterrâneas. Cortar e carregar tal pedra era um trabalho que dilacerava meus músculos e deformava meus ossos. Contudo, assim como Sísifo, que foi condenado a empurrar uma pedra montanha acima pela eternidade, meu labor se mostrou igualmente eterno, em espirais sem início nem fim, de modo que todas as suas consequências já se revelam simultâneas.

Esculpi minhas irmãs; esculpi o pequeno Willy, que me traiu; esculpi a mim mesmo, como costumava ser antes de Adria arrancar minha formosura. Era como se cada um deles estivesse ali desde a

fundação do mundo, aprisionados na rocha negra, esperando minhas hábeis mãos arrancarem o excesso que os envolvia como o casulo de uma lagarta. Eu apenas removia suas cascas. Lapidava as texturas de suas roupas, de seus cabelos... o suor de seus rostos. Polia e lavava a superfície, coroando-as com o brilho de opala celeste pelo qual ansiaram através das eras geológicas.

Algo não foi dito: que quando abri mão do tempo, outra capacidade humana também me escapou por entre dedos. Era a noção da vigília e do sono. Fui condenado, simultaneamente, a um sonho do qual jamais despertaria e a uma insônia da qual jamais descansaria. E, por isso, Ela ainda é

um mistério: Adriabelle, a mulher que vi por apenas uma migalha de instante em algum dia (todos os dias são o mesmo em Adria). Ela emergiu do mar ao leste e caminhou sobre as águas com as palmas das mãos estendidas. Sua imagem arrebatou-me por completo; viver seria o pior dos tormentos, se não pudesse vê-La outra vez... Entretanto, eu temi que, como acontece nos melhores sonhos, Sua imagem se desvanecesse por conta da imposição de outra realidade. E, para meu pavor, meus temores se concretizaram. Ainda via Seus cabelos cacheados em tom de cobre, mas Suas feições e Suas curvas começaram o lento processo de derreter como cera, enquanto um desespero inconsolável

cirandava minha impotência diante do horror da deformação.

Eu A tinha perdido. Amaldiçoei os deuses dos mares, desde Proteu até Aegir, por debocharem de mim ao me permitirem um vislumbre Daquela que apenas faria minha existência carnal ainda mais insignificante. Numa noite escura, caminhei em direção ao imponente mar, a fim de entregar meu corpo para que fosse devorado pelas sereias nas profundezas – contudo, na manhã seguinte, encontrei-me rejeitado outra vez na praia de Adria. Insultei Netuno, a fim de que enviasse Cila para me destruir, e injuriei Maui, para que dragasse a ilha inteira com suas ondas. Mas o que é o clamor de um homem, em uma das infinitas

ilhas, de um dos infinitos mundos de um cosmo inimaginável?

A solidão me trouxe a resposta. Como último recurso, tentei esculpir Adriabelle no mármore, mas fracassei. Tentei mais duas ou três vezes. As figuras eram belas, mas eram Teresas, Anelises e Marias. Não eram Adriabelle... Eu estava disposto a falhar sem parar, pelo tempo em que Sísifo empurrasse a pedra montanha acima. O trabalho, afinal, não foi infrutífero. Uma das mulheres que esculpi, a que chamei Mia, trazia em sua mão direita um pedaço de Adriabelle. Era seu dedo anelar. As falanges, a unha, a suave tensão do tendão: aquele dedo inequivocamente pertencia a Ela. Como era possível? Viria a

compreender que Adriabelle é a beleza suprema, e que todas as mulheres da terra são belas porque refletem, em maior ou menor grau, a beleza de Adriabelle. Os cílios de Seu olho esquerdo, para meu assombro, eu viria a encontrar no rosto de minha própria mãe. Foi uma epifania, uma revelação: assim como os grãos de areia são reflexos imperfeitos das estrelas; assim como um limoeiro é o reflexo imperfeito da Árvore da Vida; assim como os caranguejos, os carneiros e os centauros são reflexos imperfeitos de Câncer, Áries e Sagitário – do mesmo modo a beleza feminina das jovens holandesas é um simulacro aberrante de Vênus, que por sua



vez é um simulacro da inigualável, impronunciável e inconcebível Adriabelle.

Continuei a buscá-La, e fui grato à ilha por me conceder o mármore e o barro. As mulheres que esculpi foram inúmeras: povoaram a praia, depois do rochedo plano do oeste, depois a mata estreita pouco acima. Buscava em suas orelhas, em seus cabelos, em seus dentes... Eu sentia que Ela, assim como antes estiveram as demais figuras que adornavam minha ilha, estava presa nas formações geológicas, esperando ansiosamente para ser libertada. O fracasso me acompanhava como um ajudante insistente, debochando de meus feitos – que eram muitos, mas insuficientes. Um dia, farto do processo repetitivo, entreguei meus

braços em desistência. As mulheres me observavam – europeias, índias, amazonas, africanas, japonesas, cada uma com seu nome e sua história – criaturas consolando seu criador. Eu precisava renovar minha mente, encontrar formas novas, geometrias desafiadoras. Desci novamente ao sulco e decidi criar algo novo: modelei no barro o herói Hércules e as incontáveis cabeças da Hidra de Lerna. O monstro, erguido em tamanho real (ou pelos menos como o imaginei, com sessenta pés de altura), tinha presas do tamanho de meus braços. Mas apesar da ferocidade e da imponência, havia algo de belo em sua composição que demorei a compreender – mas quando o compreendi, mergulhei em pavor. Um dos

olhos da cabeça central, ou mais precisamente sua retina esquerda, era de Adriabelle.

As consequências disso eram inúmeras: se Adriabelle possui os cílios de minha mãe e o olho da Hidra de Lerna, significava que não apenas feições humanas herdariam Suas formas. Significava também que Adriabelle era mais que a beleza feminina: era a beleza monstruosa, e talvez fosse a beleza das árvores, dos caracóis, dos morangos, de um crânio fossilizado – enfim, de toda a matéria organizada. Consequentemente, se eu desejava encontrá-La, minhas esculturas deveriam transitar por todos os espaços. Esculpi leões, depois lobos, águias, enguias. Esculpi

Cérbero, Esfinge, Nidhogg. Esculpi a bala de canhão que amarrariam em meu tornozelo para me atirar às profundezas... Esculpi minha caveira corroída pelo oceano e pelas cracas.

Mas foi justamente nas formas do mar que encontrei, pouco a pouco, partes remanescentes de Adriabelle. A unha de Seu polegar estava na carapaça de um enorme crustáceo, e um tufo de Seus cabelos estava nos tentáculos de uma água-viva. Prossegui em minhas buscas, povoando Adria com formas cada vez mais estranhas. Modelei criaturas de regiões submarinas onde a luz nunca chega, e habitantes das cavernas imperscrutáveis... Formei o terrível Cthulhu, que dorme

debaixo do mundo, e Dagon, adorado pelos antigos semitas. Depois vieram as mais terríveis: aquelas que não tinham nem poderiam ter nome, as formas obscuras que em pouco lembravam a vida orgânica tal qual concebemos... O preço por descer tão fundo foi insuportável: eu não podia mais caminhar pelas galerias de Adria sem padecer um temor mais intenso que a morte – porque ousei vislumbrar seres que nenhum olho humano poderia ter visto. Naqueles túneis, enquanto era assombrado por minha própria criação, tomei na mão direita a ferramenta com a qual talhava o mármore, e rasguei meus olhos. O sangue escorreu pelo peito e (imagino) manchou a pedra negra de obsidiana. Mas foi um erro:

se antes minha progênie eram meras estátuas amedrontadoras, agora, na escuridão, ganhavam vida. Moviam suas patas, seus tentáculos, suas presas. Seus infinitos olhos. Chocavam ninhadas, trocavam de carapaças em grotescas metamorfoses...

Hoje caminho por Adria. Piso nos cardos que ferem meus pés, e tinjo de escarlate os minérios que Gaia gerou. Não vou encontrar Adriabelle, sei disso. Talvez Ela nunca deva ser encontrada. E mesmo que a consiga esculpir, jamais poderei vê-la... Penso que esta ilha e o dom de meus dedos sejam um castigo divino, semelhante ao suplício de Tântalo, cuja fome e sede insaciáveis o atormentam diante das uvas e

da água fresca que seus lábios nunca alcançam. Adriabelle esteve próxima: suas partes, seus vislumbres, fragmentos de seus contornos. Busquei-a através da eternidade. Agora penso que minha tripulação de fato me atirou ao mar, e que foi o pequeno Willy quem carregou a bala de canhão até a prancha ao meu lado. Penso que o peso do chumbo me dragou à escuridão, e que as massas do oceano me afogaram ... E que Adria seja o Inferno, um círculo infame sobre o qual Dante jamais ousou escrever.

Hoje esculpirei minha última obra. Depois disso, juro que cortarei meus dedos e os comerei, para que nunca mais tragam à luz forma alguma... Aproximo-me do bloco de mármore, e minha mão desliza em sua



superfície áspera. Criarei uma mulher. Jovem, francesa, cabelos curtos. Emma será o seu nome. Talvez na escuridão, entre minhas eternas insônias e letargias, ela ganhe vida – como fizeram as abominações nos túneis emaranhados de Adria. Despejarei sobre ela a minha amargura: de um condenado insignificante, serei seu deus, seu cruel demiurgo. Ela viajará pelos mares, será traída e abandonada numa ilha para morrer. Lá, ela me verá por um instante... E amaldiçoada pela paixão desenfreada, me procurará insistentemente nas formas pedregosas. Nela eu me vingarei, porque Emma será o brinquedo que sofrerá minhas dores, que se humilhará com minha humilhação. Emma me tributará com

todo seu desejo. Emma justificará minha própria miséria.

Concluo meu trabalho. Meus dedos tateiam o rosto frígido de rocha. Neste instante, compreendo. Neste instante, os deuses dos mares gargalham de meu desfecho cômico. Estendo meus braços, que podem sentir o mormaço agradável do sol se esforçando para penetrar a superfície rígida, demasiado rígida... Agora sei que estes braços não são feitos do barro de Adão – isto é, de carne e de sangue. Eles são feitos do mármore de uma mesquinha Adriabelle, uma escultora cega, deformada e traída que habita sua própria ilha, cujas galerias estão repletas de seus horrores íntimos. Uma Adriabelle ensandecida pelo

trabalho extenuante de procurar seu próprio deus na pedra... Uma Adriabelle que, de tanto se ultrajar na busca infindável, decidiu dar vida a uma última criação, seu servo medíocre, que levaria à frente a maldição inominável que perpassa todas as gerações. Neste instante – que é o mais miserável de todos – compreendo que dia virá, quando o cosmo se reajustar após uma volta completa em torno de si, em que Emma despertará contra mim um ódio inconcebível, eterno, impronunciável: o mesmo ódio que hoje sinto por minha amada Adriabelle.

# DO VAIVÉM I (OU A DANÇA QUOTIDIANA)

*Gabriel Sant'Ana*

Quem ousar, ainda que por breves minutos, parar para observar, ao passar pela Praça Tiradentes, próximo aos pontos de ônibus, uma existência comum, imperceptível à correria das horas marcadas, talvez me afirme que não tenha essa existência nada de tão relevante, que ela mais aparenta o mesmo que podemos encontrar em outras praças pela grande cidade: um senhor barbudo, trajado de casacão, calça jeans, tênis surrado, aspecto sujo, talvez sem moradia fixa, comportamento suspeito, alguns sacos

contendo não se sabe o quê. Além disso, também poderão me dizer que o hábito desse senhor em dar pipoca, biscoitos, qualquer coisa que sirva de alimento, aos pombos não passa de algo costumeiro, mas principalmente reprovável, pois alimenta ainda mais os índices de contaminação pública.

Mas foi justamente por causa de uma pipoca que meu caminho cruzou com o dele. Devia ser por volta das 16h de uma sexta-feira. Eu tinha conseguido finalizar o registro de uma das cinco pilhas de livros no site para venda. O vaivém de pessoas na loja me havia impedido de agilizar ainda mais esse serviço, mas não reclamo disso, antes agradeço a elas, pois atendê-las, trocar

ideias sobre livros e assuntos relacionados, foi uma oportunidade para meus olhos não se cansarem nem ficarem ainda mais ressecados, além de poder falar com alguém que não seja outro funcionário.

Não era propriamente um vaivém de pessoas na loja. Após e ao longo de meus encontros fortuitos com aquele senhor anônimo – ele se recusara em dizer qual era o próprio nome, segundo ele os nomes muitas vezes impedem o movimento da vida (confesso que até este momento ainda não compreendi essa justificativa) –, passei a refletir por que utilizamos a palavra *vaivém* e comecei a desenvolver melhor esse termo quando o emprego muitas vezes. Na verdade, dizer que um movimento de

uma quantidade indefinida de pessoas em um determinado lugar seja um *vaivém* revela uma enorme preguiça de observação. Então não era propriamente um vaivém. As entradas, permanências, deslocamentos e saídas das pessoas na loja eram mais do que movimentos sem sentido, ou com sentidos fixos. Havia em cada uma delas um ritmo próprio, de acordo com tantas variáveis, que seria exaustivo narrar.

16h e 30 minutos quando parei para comprar num pipoqueiro próximo ao ponto de ônibus. Enquanto o aguardava terminar de fazer a pipoca - eu sabia que naquele horário ele preparava mais devido à saída das pessoas dos trabalhos e o ponto se enchia e ninguém costuma resistir àquele



mágico cheiro, enquanto aguardava -, me distraía pelas inúmeras publicações na rede social, me esquecendo por completo de onde estava, dos riscos que corria, talvez um assalto repentino. Então senti uma presença ao meu lado, um forte fedor a me agredir as narinas. Instintivamente guardei o celular no bolso e me virei àquilo.

- Se for pra pedir dinheiro, desiste! Tô comprando as pipocas com restos de moedas... tentei, assim, me livrar dele.

- Não quero dinheiro nenhum. Quero apenas um pouco da pipoca, estou morrendo de fome.

- Tá bem... mas o senhor vai ter que esperar um pouco... Ô moço, faz um saquinho de 1 real pra esse senhor aqui.

- Com certeza espero sim. Minha vida é uma longa espera.

- O que o senhor disse?

- Ué, que a minha vida é uma longa espera. Aprendi que todos esperamos por alguma coisa. E que não adianta ficar ansioso, aflito. Basta fazer o que temos que fazer, e os resultados virão no seu tempo.

Nesse momento, o pipoqueiro virou seu olhar para mim, enquanto uma das mãos movimentava a pipoqueira:

- Não fique assustado com ele não... Muitos não param pra falar com ele, não sabem o que estão perdendo...

- Ah, sim...

Estava acontecendo algo fora da minha rotina. E isso me incomodava. Sentia que

qualquer tentativa que fizesse para não falar seja com o senhor seja com o pipoqueiro fracassaria. Então, me deixei conduzir por aquela conversa.

- Mas e se os resultados não vierem? – redargui.

- Olha... é impossível que não venha... – me retorquiu o senhor.

- Olha a pipoca! Aqui os dois saquinhos! Muito obrigado!

Foi repentina a interrupção. Repentina para minha falta de atenção ao que ocorria. Assim que dei o saquinho de pipoca ao senhor, ele me agradeceu e me disse “até breve!”. E o mesmo me disse o pipoqueiro. Não compreendi o que significava aquilo, seria algum tipo de ameaça ou

simplesmente uma despedida? Apressei-me para chegar em bom tempo à Central do Brasil, mesmo sabendo que aquele era um dos piores horários para tentar conseguir um assento no trem. Mas logo me veio a enigmática frase do senhor: algum resultado iria acontecer.

Aquele dia havia começado como qualquer sexta-feira: uma promessa de liberdade. Uma vibração angustiada por apressar o ritmo do trabalho, do horário do almoço, de tudo. Iria dizer que ocorria um vaivém generalizado... Não era isso. Todos em seu mais profundo íntimo desejavam fazer com que a manhã e a tarde passassem velozes. Chegando com a maioria das pessoas à Central do Brasil, sendo levado

para fora do trem pelo grande movimento, era possível perceber quão diferente era em relação aos outros dias da semana. De segunda à quarta, o movimento, apesar de apressado, tinha um certo peso, um ritmo de velório quando muitos, por consideração aos parentes vivos e para certificação de que o defunto não retornará da gaveta ou do buraco abaixo da terra, fazem a procissão subindo, descendo, virando o caminho tortuoso rumo à meta.

Mesmo sabendo que aquele horário seria difícil, fui me convencendo de que não seria impossível. As lojas do SAARA continuavam a todo vapor, os vendedores batiam palmas e assobiavam, lutando pela atenção dos que passavam e estavam em

dúvida sobre os preços. Eu não quisera fazer o caminho pela Presidente Vargas, passando por alguns bares que estavam certamente abarrotados dos que não voltariam antes da meia noite. Ainda assim, haveria os que, como eu, desejavam voltar o quanto antes para casa. Parecia haver uma oposição entre nós e eles. Mas não era oposição, eram apenas direções distintas. A oposição ocorria entre nós que lutaríamos pelo assento assim que a porta do trem se abrisse. Porque nesse caso nossa força muscular e nosso desejo se colidiriam em direção ao mesmo ponto. No entanto, em relação aos que se deixavam ficar pelas mesas e copos de cerveja e conversas despretensiosas, não havia oposição, havia

apenas diferença ou quase total neutralidade.

Havia entregado a pipoca ao senhor, que se encaminhava para uma das ruelas próximas, e mesmo com minha preocupação em relação ao trem, mesmo com a pressa que fazia minha respiração tomar um ritmo acelerado, decidi segui-lo, me esforçando para que meus passos não se apressassem demais e fosse por ele surpreendido. O caminhar daquele senhor era firme, decidido, mas lento; olhava para as pessoas, gesticulava e falava algo, mas ninguém lhe dava atenção. Algumas vezes parava em uma encruzilhada, voltava a cabeça ao céu, levantava os dois braços, e continuava seu caminho. Muitas pessoas se



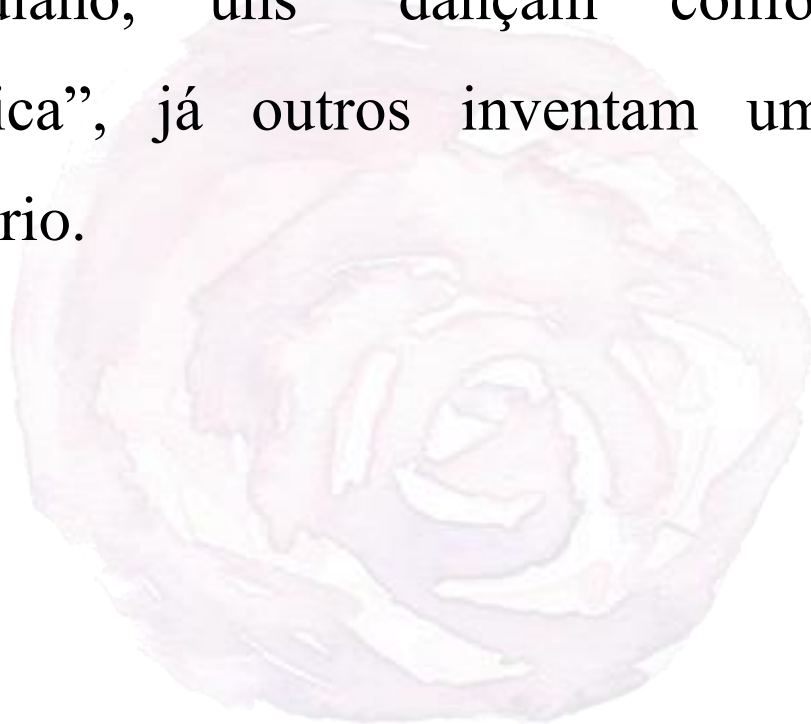
afastavam dele. Fui percorrendo aquelas ruas, mas ao chegar em frente à Igreja de São Benedito dos Homens Pretos, apercebi-me de que o havia perdido. A multidão que percorria a Uruguaiana, os vendedores, os carros, táxis, motos, entregadores de aplicativos, os abandonados, os pedintes, os idosos e seus familiares que rezavam o terço àquela hora, tudo era um fluxo contínuo, divisível apenas no momento em que me recordo disso.

Busquei então um local menos inseguro para tentar encontrar um indício daquele senhor. Parei num vendedor de água e forcei meus olhos buscando analisar os movimentos com o máximo de atenção. Fiquei uns vinte minutos ali, sem resultado.

Decidi desistir de procurá-lo naquele dia e prosseguir meu caminho rumo ao trem.

Aquele momento de saída do trabalho para muitos é uma libertação, principalmente quando já estão na fila aguardando o transporte. Mesmo sabendo que o caminho do ônibus ou trem será repleto de situações desagradáveis ou mesmo perigosas, muitos tentam relaxar a tensão do corpo desgastado durante todo o dia, uns se sentam no chão do ônibus (na escada da saída, por exemplo), outros se sentam sobre a mochila num dos cantos do trem. E ainda que esse tipo de comportamento não seja permitido, pois atrapalha consideravelmente o fluxo interno do transporte, muitos relevam, inclusive

admiram tamanha coragem pelo atrevimento, não apenas admiram como invejam. A questão que me fica sempre latejando é o limite do aceitável, do permitido, do possível de cada movimento cotidiano, uns “dançam conforme a música”, já outros inventam um ritmo próprio.



# À SOMBRA DO SOL

*Jonatas Tosta B.*

*“— Ahora sé que en verdad me has perdonado —  
dijo Caín —, porque olvidar es perdonar. Yo  
trataré también de olvidar.*

*Abel dijo despacio:*

*— Así es. Mientras dura el remordimiento dura la  
culpa.”*

*Leyenda, em “Elogio de la sombra”. Jorge Luis  
Borges*

## I – O mãos-limpas

Havia alguns meses que desejava ver aquelas mãos. E foi naquela tarde de março, quando chegou perto o suficiente delas, constatou a verdade: nunca estavam sujas de tinta. Suas juntas macias, as unhas bem polidas. Nenhuma gota de nanquim, urucum ou aquarela. Sr. Félix observou que

estavam limpas como pétalas de narcisos. Juraria que já as tinha visto. Pôs os óculos de aro prateado sobre o nariz e continuou buscando algum vestígio de mácula. Perscrutou os dedos longos, de articulações nodosas. E o olhar subiu aos cotovelos, e dali, aos ombros largos como horizonte.

O rosto do dono das mãos, era afilado, sem rugas. Tinha entre vinte e trinta e tantos. O topo da cabeça parecia com uma grande ponta de alfinete coberta por uma peruca negra. O conjunto do corpo assemelhava-se a um cravo cercado por formigas no meio do salão. Homens e mulheres rescendendo a uma mistura de perfumes e queijos caros. Ninguém parecia notar naqueles dedos limpos como Félix notava.

Ele arriscou se aproximar, mas sem se juntar aos demais. Apertou os olhos e ajustou novamente o aro. Debaixo das unhas, limpo também. Coçou debaixo de suas próprias unhas para tirar as lascas de tinta a óleo. Sempre restava um vestígio, mesmo depois de dias sem se pôr à frente dum cavalete.

Sr. Dioniso se afastou a passos duros e dobrou à esquerda. Sr. Félix afundou o chapéu coco sobre a cabeça até cobrir as bastas sobrancelhas e o seguiu até a entrada dum corredor longo e estreito. As formigas acotovelavam-se, evitando tocar nos quadros pendurados ao lado de cada janela. Algumas obras eram tão imponentes que todos precisavam torcer o pescoço para

enxergar os ângulos mais altos. Uma mulher corpulenta parou frente a uma tela cuja luz clara, onipotente, se afundava no matiz da noite que se erguia sob a linha do crepúsculo. Título: “Cena de infância perdida”. A cabeça se voltou para trás, a nuca quase tocou a base da espinha para alcançar as nuvens ao topo.

- É mesmo um berço de beleza – sussurrou ela, deixando os óculos escorregarem da ponta do nariz às retinas.

Félix arqueou as sobrancelhas. A mulher sorriu-lhe educadamente. Levantou a barra do vestido e acelerou os passinhos de pomba para alcançar o artista. Ele não compreendia o motivo da procissão a segui-



lo tão encantada. Eram como párias de uma daquelas seitas aparentemente inofensivas, pensou, mas que em seu recôndito guardam promessas estranhas e revelações de outros mundos; ou outra loucura qualquer.

Sr. Félix se adiantou. A atenção, de modo suave, era arrastada para os lados. Os passos divagavam. A luz das claraboias de cristal puro escoava, alargando, então, a profundidade dos corpos nus marcados por fios de tinta. As pinceladas sempre pareciam frescas, como se o suor escapasse da imitação de carne e escorresse pelos poros gordurosos da superfície da imagem. "Sujeito talentoso", reconheceu à revelia. Mas, ainda assim, era injustificável sua adoração. Se bem que, observando mais de

perto, em verdade, algumas imagens poderiam até lembrar as que ele mesmo havia pintado. O retrato de Lázaro ressuscitado, por exemplo. Poderia afirmar que eram frutos de um esboço seu, não necessariamente uma cópia, concordava. Ou qualquer obra, depois dos mil quinhentos e tantos, seria mera cópia dos latinos e gregos.

Outro ponto importante que os leigos não saberiam observar: havia imperfeições que somente um verdadeiro artista notaria. Detalhes como: o purgatório jamais poderia ser representado por gradações escarlate, sem o devido cuidado de não mimetizar a ideia da luxúria. Era evidente que as cores deveriam ser trocadas por tonalidades

argênteas. Dioniso deveria devotar mais respeito ao tema. Talvez fosse até aceitável se composto em cinza, escala cujos borralhos tingem o céu ao subir da fornalha. A despeito dos sujeitos, também não lhe pareciam contritos o suficiente. Não se submetiam a purga da impiedade, nem estavam à espera de indulgência cedida pela misericórdia infinita de Deus. Assemelhavam-se a fantasmas com expressões rotas, faces peroladas, corpos sem espírito, assombrações oriundas das profundezas do Aqueronte. Ou seja: não eram nada. Sem a contrição por parte da multidão a se arrastar pelo inferno, não haveria motivo para o perdão. Aquele, definitivamente, não era o Purgatório.

As telas, concluía Félix, reluziam tais como belas joias, no entanto, uma pedra fria, um colosso sem vigor, ou uma sineta de prata deitada feito ornamento insosso à orla da mesa.

Estavam cegos, todos eles, e arremetiam-se feito porcos cegos no precipício do mau gosto. Félix repetia para si que nada havia com a inveja. Não era invejoso, repetia. Mas a experiência na Academia legitimava sua autoridade crítica. Sabia separar bem o coração do estômago, e este dos miolos.

Mal reparou que já estava outra vez próximo do guru, e entreviu, de repente, um rubor sutil nos lábios. Lábios zombeteiros, tinha certeza.

Os outros já estavam pela metade dos corredores, e Dioniso à frente. Conforme andava, os passos de Félix se adiantavam estalando no assoalho. Alguns ousavam se aproximar um pouco mais do ídolo e, suando às bicas, lhe faziam uma pergunta, e gentil, respondia.

- De onde vem a inspiração? – a questão veio de uma mulher.

Félix fitou-a pelas beiradas do olho. Uma senhora, portando uma sombrinha pendurada no braço magro e rosado. O vestido provavelmente emprestado por alguém duas vezes maior.

- Vapores do rum, óbvio – responde sem alterar o vigor das mãos.

Risadinhas de pompa pinicavam nas orelhas de Félix. O lábio trêmulo. Mordia a língua e as bochechas para não arreganhar os dentes.

Dioniso não correspondia à graça do público. Seus olhos eram um par de bolas opacas, e no rosto guardava uma paisagem imóvel. Um campo vazio, sem vento, sem folhas, sem pássaros. Também não era sério. O bando de abobalhados que o cercavam não possuía inteligência suficiente para interpretar o enigma, mas intuição de Félix não falhava. Sob o risos e escondia um rumor semelhante ao ruído molhado e insistente debaixo da cama.

## II – Exposição secreta

Meteu as mãos nos bolsos para esconder o nervosismo. Os dedos roçaram em um pedaço de papel dobrado. A primeira vez que o viu foi naquela foto de jornal: um Sr. Dioniso resoluto ao lado de um quadro.

Tema: dois homens e um homúnculo confabulando em um campo negro sem estrelas.

Tinha cortado o pedaço ao redor do sujeito e do quadro. Observou-os por dias. Os dedos ficaram sujos de tinta barata do papel. Não lhe eram estranhos os olhos. A expressão tibia de Dioniso lembrava-lhe um juvenzinho que o visitara há tempos, na época em que ingressara na Escola de Belas Artes. O sujeito era quase um menino,



ótimo gravurista. Um tanto inseguro talvez, mas de mãos firmes. Trabalhara na mesma câmara de impressão em que William, o louco, trabalhou. Teve um caso desinteressante com uma moça. Pouco sabia de sua procedência ou o fim que a levou. Então, sem aviso, desapareceu.

O nome estava na ponta da língua. Não conseguia dizê-lo, mas sabia. Tinha certeza de que não era Dioniso. Pairava a imagem rota dos longos ossos de um rosto infantil. Não eram a mesma pessoa, só aparentavam. Acontecia o mesmo com chineses, porque não com um qualquer oriundo do Cáucaso? Dioniso era, proporcionalmente, duas vezes maior. A estatura poderia ser a mesma pelo tempo, no entanto, o queixo deste era mais

largo, se erguia acima do ponto de fuga que supôs. A testa era mais perfilada. Os olhos se arremessavam em um horizonte perdido. Os do menino estavam sempre sorrindo, o que nunca esqueceu.

Félix abanou a cabeça e ajeitou inutilmente a franja endurecida pela goma. Seguiu uma linha invisível desenhada pelos passos de Dioniso. Perscrutou-lhe os movimentos como o relógio persegue as horas. E só parou quando todos pararam. Fingiu se interessar por outra tela, uma minúscula à direita. Desnecessariamente pequena, sobre um cavalete dourado. Teve de se encurvar até as costas estalarem. Limpou a lente sem tirar os óculos do nariz e leu a plaquinha.

Tema: uma pulga parasitando o couro de um não-nascido.

A pele estava suja de lama e fuligem de lareira. O rosto amarelo despertava angústia, mas o contexto era legítimo. Não conseguia evitar-lhe a atenção. Limpou os óculos outra vez. Tirou as manchinhas de gordura que impediam enxergar as linhas entre as cores. Aproximou o rosto até a ponta do chapéu quase tocar na moldura. Alguém tossiu no seu ouvido. Ele sentiu os perdigotos salpicando a orelha, mas não se virou. A tosse ressoou novamente, mais grave.

- Senhor – disseram.

Ao lado dos seus, os sapatos de segurança brilhavam ainda mais.

- Com licença, senhor. Poderia fazer o favor de se afastar?

Sr. Félix apurou as costas, encolheu a barriga. Escondeu novamente a mão trêmula nos bolsos. Tentou ser discreto, mas nada adiantou. Todos os sujeitos o observavam como se houvesse cometido um sacrilégio. Esperava que Dioniso também o observasse com olhar de reprovação. Ao contrário. Félix o viu pelas costas, balançando as mãos limpas ao lado dos quadris enquanto desaparecia por trás das cortinas no fim do corredor.

O grupo continuou a procissão reprovando a atitude com um balançar de cabeça e estalo nos lábios.

- Queira me perdoar, mas o senhor está perto demais do quadro – disse ao segurança.

- Eu que peço perdão.

Quando se afastou, o grandalhão cruzou os braços e, do mesmo modo que ele, curvou-se para observar a pulga. Sua altura tornava um tanto ridícula a forma com que se acocorava. Os músculos ao redor dos olhos se contraíram e a boca se abriu brevemente. Sr. Félix se afastou antes que as gotas de lágrimas do homem caíssem no chão.

A cada cinco passos tinha de limpar o suor das orelhas usando um lenço de seda veneziana. Para se aliviar da culpa, confessava a si mesmo que estava nervoso. Mas, de certo modo, seus temores se fundavam em alguma razão. Ouvira falar de fenômenos estranhos associados à próxima sala. Segundo os jornais, era onde as obras de caráter mais sombrio estavam expostas. Havia relatos de que, após uma olhadela nos quadros, os espectadores caíam, ora convulsos, ora desacordados. Os portadores de mentes fracas podiam ter pesadelos por semanas. Também ouvira casos de pessoas falecerem pouco tempo depois do evento. Soube de um rapaz de doze anos, filho de um proeminente exportador de algodão.

Dioniso pintou um estranho retrato dele. .  
No dia seguinte, depois de o garoto ver a  
imagem exposta naquela mesma sala, foi  
encontrado enforcado pelos próprios  
suspensórios, assim como a pintura sugeria.  
Mas Sr. Félix não era capaz de acreditar no  
que publicavam os editores, apenas  
interessados em vender um jornal sujo, ou  
nos delírios de algum caipira fanático.  
Obviamente, eram engodos ou  
autoenganos. Que alma sã visitaria uma  
exposição cujos quadros envolvessem obras  
malditas? E, afinal, caso as histórias fossem  
verdadeiras, como o prefeito permitiria que  
expusessem desgraças daquela natureza?



Sr. Félix conteve a pressão dos calcanhares para não fazer barulho. Diante das cortinas, o ar desprendia um leve cheiro de folhas queimadas. Ele respirou mais forte para ter certeza de que não era um delírio. O odor vinha da próxima câmara, cuja entrada era ornada por um fino umbral verde-musgo, quase imperceptível.

Antes de enfiar a cabeça pelo tecido branco, limpou os respingos da testa que caíam nos olhos. Entrou devagar. O ar úmido causava-lhe a mesma repulsa que uma lagarta sentiria se tivesse de voltar para o casulo. Ao atravessar as longas cortinas brancas, os olhos se fecharam. E no instante em que o tecido terminou de roçar-lhe o rosto, as pálpebras se abriram, contudo, ainda

pareciam cerradas. Por um minuto cego, nenhum ruído rastejou seus ouvidos. Os únicos sentidos que reagiam eram o olfato e o paladar. O cheiro de folhas secas se intensificou e um leve enjoo apertava-lhe o fundo do estômago.

Pouco a pouco a visão voltou, e luzes amarelas cristalizaram assumindo formas incandescentes sobre bastões de cera. Os três cantos do salão vibravam como asas de mariposa em chamas. Inúmeros candelabros de nove pontas refletiam as faces dos visitantes. Talvez tivesse adentrado uma cripta por engano, pensou para se descontrair. Se alguém lhe dissesse que aquelas pessoas estavam mortas, não duvidaria.

- Bem-vindos ao último degrau.

A voz parecia familiar. Um pouco mais aguda, quase infantil. Ele apertou mais as pálpebras e mirou o chão para se lembrar. Podia ser a voz do rapaz do ateliê. Ele lembrou de alguém que lhe visitava ocasionalmente, talvez aos domingos. Havia anos e não sabia quantas vezes foram. Não era o único a quem ensinava. As paredes dançavam e a brisa dos hálitos sopravam as velas. Não era possível distinguir os sujeitos dos borrões de luz, - mas Dioniso era perfeitamente visível. A estatura o denunciava com suas longas pernas fincadas no centro daquele pequeno mundo.

A voz se fez ouvir novamente:

- Certa vez eu me deitei numa cova. Logo surgiu aos meus pés um homem. Através de suas órbitas vazias era fácil notar que guardava um segredo. Ele jogou um bloco de pedra em meu peito. Estava escrito um nome em caligrafia cuneiforme. Tentei levantar a pedra. Apesar dos ossos quebrados e dos músculos rompidos, sustentei com a mão por um instante. Não fui capaz de decifrar o segredo, e o fragmento voltou ao meu peito. Então, o homem aos meus pés contornou meu corpo, aproximou a boca da minha boca e, piedoso, apertou a pedra sobre meus ossos com a ponta do dedo. “Eu conheço as imagens que não estão costuradas no

nome”, ele falou em uma brisa morna, que me beijou. Mostre-me, respondi sem hesitar.

- Nós também queremos ver, senhor! – A mulher com o pescoço envolvido por pele de raposa gritou. – Mostre para nós!

Ouviu-se um burburinho de moscas; contudo, o longo silêncio de Sr. Dioniso sufocou os ruídos. Sr. Félix sentiu-se constrangido pela mulher. Quando finalmente pensava estar surdo, um estalo seco de duas palmas reverberou. Todas as velas se apagaram, e as trevas, feito piche, invadiram os olhos de Félix. Logo a cegueira negra deu lugar a uma cegueira radiosa: as claraboias se abriram, e as

tábuas que fechavam as janelas se deslocaram.

As retinas de Sr. Félix não discerniam as criaturas pintadas. Os fios luzentes se derramaram sobre seu rosto, e o anil, o violeta e o magenta devoraram sua visão. Era como encontrar o sol pelo lado do avesso.

Esfregou as órbitas com as costas das mãos. Com exceção de cinco ou seis, os outros faziam o mesmo. Julgou que alguns já estavam acostumados com a apresentação inusitada, protegendo os olhos com lenços antes de abrirem as vidraças.

Félix tentou encarar as pinturas. Eram três apenas. Longas e altas feito a entrada de

uma igreja antiga. Colunas de fumaça subiam de incensários. Havia dois ao lado de cada quadro. Quando seu olhar atravessou a fumaça, os contornos da pintura do centro ganharam forma. Ele pôs a mão sobre a calça e apertou o pedaço de papel no bolso. Dois homens, um alto e outro baixo, e um homúnculo carregando um cesto; caminhavam juntos através da noite sem estrelas. O homúnculo tinha um aspecto cansado. O homem mais baixo, podia jurar que se assemelhava a...

De repente, o queixo amoleceu, e os dentes amarelados ficaram expostos. As paredes começaram a tremer. As molduras balançavam como pêndulo. O enjoo atingiu o topo da garganta. Os pés já não se



firmavam no piso xadrez. Os joelhos dobraram como se não possuísse musculatura. O chão veio ao encontro do nariz momentos antes de esquecer que estava vivo.

### III – O mão-quebrada

Foi como mergulhar na superfície dura dum lago congelado. O sonho escalou a garganta e mordeu seus lábios inchados, e junto com ele, as memórias lhe agarraram as pernas e nunca mais as soltaram.

Era tarde da noite. O sol embaçado de nuvens, o cheiro de carne cozida impregnando todo o andar. Aquele não era seu apartamento, mas, por se tratar de um

sonho, nascera, vivia e morreria naquele apartamento. A cozinheira atravessou uma parede coberta de papel com gravuras de cavalos, encostou a verruga do queixo no seu ombro e disse que o jantar estava pronto. Sua boca se encheu de água. Acordaria com fome, e jamais sentiria o gosto da carne suculenta, nem do milho cozido no vapor.

Assentiu com a cabeça e voltou ao trabalho. A encomenda era um retrato. Procurou em todos os cantos o pincel para retocar os olhos do rei vermelho. Não havia encontrado em nenhum lugar. Nem pincel nem tinta. Havia um rapaz que ensinara a pintar e que às vezes pedia os instrumentos. Não era só essa inconveniência. Sempre

que necessitava, tarde da noite dava-lhe conselhos para amainar as angústias, experiências naturais em artistas jovens. Apesar de amá-lo como a um filho, tinha certeza de que o ingrato surrupiara os pinceis. Se o encontrasse, o puniria severa e dolorosamente, mas com justiça. Sentia o impulso de quebrar-lhe os dedos. Cada osso, como graveto.

“Aqui está sinhô”, a cozinheira serviu-me o prato coberto com um pano de linho. O tecido manchado de tinta a óleo. Conhecia a intensidade íntima sobre o prato. A gradação cor de vísceras. “Bom apetite, sinhô”. Em uma risada, ela sai sem tirar os olhos de mim. Não espero que tire o tecido grosseiro e sujo. Agora, eu sou você. Enfio

a mão através das palavras e puxamos o tecido. Gotas gordas de uma substância viscosa rolam do prato ao assoalho. Sei do que as gotas são feitas. Tinta. A mesma tinta que corre em minhas veias. No meio da pasta noto um objeto familiar. Pincéis. Todos os meus pincéis servidos em um prato de porcelana chinesa.

Com as mãos nuas tento separá-los do material viscoso. Um dos pincéis cai e rola no vazio. A camareira encosta a verruga no meu ombro. “Sinhô”, ela diz, “alguém tá chamando na porta. Cê quer qué atenda?” .

Não. Eu atendo.

Não existem portas em sonhos. Ou são falsas portas ou passagens que

permaneceram abertas para sempre, e servem para coisas rastejarem para o lado de cá. Abrir e fechar, entrar e sair, subir e descer, os movimentos dos sonhos se sucedem ao modo de eviscerações contíguas, logo, senti como se o apartamento me vomitasse para o corredor, e o corredor virasse do avesso.

Estávamos a sós em outro lugar que não era a rua. O rapaz diante de mim tinha a estatura do medo. Os meus olhos se voltaram para o alto. Não sorria, nem estava sério. O canto dos meus lábios tremeu. “Olá. Nós nos conhecemos?”, questionei. Um chiado souo do fundo de suas narinas antes de eu perceber que erguera a mão direita na altura do estômago. Ele desejava

me cumprimentar, mas havia algo de estranho com os dedos. Estavam tortos, assim como punho. Todos os ossos da mão pareciam fraturados em uma espiral de carne. Não só os dedos da mão direita, mas os da mão esquerda também. Estavam ainda mais danificados, contorcidos, a pele rasgada por fraturas. Era possível ver os tendões saltando da base do punho. Ele abaixou a primeira mão, ergueu a outra e me disse com certa candura: “você é canhoto, não?”

#### IV – Pelos fundos da casa

O lustre de cristal pendurado no teto foi a primeira coisa que Sr. Félix viu quando

despertou, mas notou que não era o mesmo do salão de exposições. Ele apertou as pálpebras e limpou as remelas. Longas porções de ar invadiram as narinas de modo que engasgou. Era um aroma familiar. Umedeceu a boca seca com a saliva e passou a língua entre os dentes. O aroma de tinta se converteu em sabor amargo. A superfície sobre o qual estava deitado era macia e lisa, com apenas uma linha de costura passando por baixo dos quadris.

Sr. Félix tentou se levantar, mas cabeça ainda girava.

Pela luminosidade lá fora, já devia ser hora do café da tarde. A noite avançaria em breve, e não poderia caminhar sem bater



com as canelas em algum móvel. A julgar pelos cantos do quarto, parecia estar em um ateliê de pintura. Todas as paredes cobertas por quadros. Fileiras intermináveis de recipientes contendo uma infinidade de tons de tinta. Garrafas com solvente, copos com água onde se diluíam as cores mortas. Curiosamente não havia quadros prontos. Na verdade, deu-se conta de que as telas não apresentavam o vestígio de uma pincelada sequer. Todas em branco.

Agitado, apalpou as coxas. Os óculos não estavam nos bolsos, mas no criado mudo ao lado do divã. Pegou-os sem desviar a atenção da única porta.

Havia muito tempo que não sentia tonturas como aquela. Quando entrou na câmara escura da exposição, devia ter desconfiado. Não devia passar de uma armadilha para as mentes mais sensíveis. Ouvira falar de eventos assim, artimanhas de praticantes do vodu, cuja destreza era atribuída a uma força sobrenatural pelas almas ingênuas. Utilizavam subterfúgios batendo em tambores, queimando ervas alucinógenas, aproveitando-se do único sentimento que nunca abandonaria gênero humano: o medo. Quando a vítima está impressionada, refletiu, é possível assustá-la com qualquer gesto.

Ao sentir os primeiros sinais de firmeza nas pernas, caminhou em direção à porta.

Espreitou os dois lados do corredor antes de descer as escadas. Ninguém o interrompeu.

A porta de entrada da casa estava logo em frente ao último degrau. Saiu. Sob a sombra do alpendre, procurou pela residência vizinha. Nada. Somente uma trilha de pedras cortava o jardim sem flores e conduzia a uma estradinha de chão batido em frente à casa. Ao fundo da paisagem, uma sucessão infinita de árvores sinalizava a vinda do outono. O sol rompia seus raios nas raras folhas que, silenciosas, caíam em espirais amarelas. Aos olhos de Félix o lugarejo parecia ter estagnado entre a vida e morte, apesar de ainda portar uma beleza mínima.

- O sinhô já tá acordado! – a voz de tabaco veio por trás. – Com certeza deve tá com fome. O sinhô dormiu o dia todinho.

O quadril se torceu para ver. Nada além de uma verruga. Mas, no lugar de uma velha com rosto descarnado, havia uma doce senhora carregando utensílios domésticos sujos sobre uma bandeja prateada.

- Onde ele está - perguntou Félix.

- O amo? Ele tá se preparando. Daqui a pouco cê vai lá.

- Para onde ele...

- Dá licença. Preciso lavar a louça. Na minha idade qualquer peso me deixa cansada, né.

- A senhora poderia me responder como cheguei aqui?

Ela não lhe deu atenção. Sumiu entre os vapores que escapuliam por cima da porta da cozinha.

Félix pôs a mão espalmada sobre a testa para proteger os olhos da luz. Não havia sinal de cavalos ou carros. Faltava-lhe coragem de retornar para a residência. Sem esperanças, sentou o traseiro no banco pendurado por um par de correntes, e acessou seu vasto acervo mental contendo as fotos de lugares que havia conhecido ou visto em fotografia por toda a vida. Não lhe ocorreu nenhum igual àquele.

Do outro lado da estrada, a relva alta acenava continuamente como se dissesse adeus.

Esperava ouvir, em seguida, a sinfonia das cigarras, como acontecia todas as tardes daquele verão. Mas, naquela tarde, elas permaneceram em silêncio, e em silêncio, observou. Apoiou a testa na corrente fria e ouviu o que julgou serem passos de Dioniso atrás de si. Mas no lugar do pintor, surgiu um homem enrugado com uma expressão que não parecia presa ao rosto. Nas costas, carregava um grande cesto de vime pendurado por duas tiras de couro.

- Faria a gentileza? – disse, estendendo uma tela em branco.

Sr. Félix não ia pegar, mas sua fragilidade lhe despertou compaixão. Segurou a moldura com os dedos moles.

- Espero que não tenha se entediado – sorriu. – Às vezes me pergunto, por que diabo o amo trocaria a cidade por uma paisagem salobra na companhia de um velho como eu?

O homem não parecia querer ouvir a resposta. Continuou andando. Desceu os degraus que conduziam à trilha na frente da casa, e se adiantou em direção aos fundos.

- Vamos, senhor – disse por cima dos ombros. - O amo o espera.

Ignorando a expressão dura de Félix, desapareceu.



Os passos do sujeito agitaram o cinto frouxo por cima das calças. Ele era ágil, difícil de acompanhar. Quando finalmente o alcançou, estava ofegante como um cachorro, mas assim mesmo tentou fazer uma pergunta.

- Por que estou aqui?

Sem nenhuma cerimônia, o sujeito respondeu com outra pergunta:

- Não é o que você deseja?

Félix segurou a língua e tentou se manter polido.

- Perdão. Não entendo, meu amigo.

- Eu que te peço perdão, meu senhor. Não sou dado a enigmas como o amo. Então, já explico. Estamos aqui, o senhor e eu, por

própria vontade. Queria descobrir o segredo de Sr. Dioniso. E agora segue o seu destino.

Félix tentou continuar a conversa.

- Tenho a impressão de que o conheço.

O velho deu de ombros e meteu o braço no cesto. As articulações das costas dobraram de um modo desconfortável, como se deslocassem as juntas das omoplatas. Félix achou que iria se partir. De dentro, tirou uma maçã vermelha e ofereceu-lhe.

- Está com fome?

Ele aceitou. De fato, o estômago roncava e a boca se encheu de saliva.

Mas antes de morder, notou que havia manchas escuras na parte de baixo. A princípio pensou que fosse nanquim. Tinha

a textura de nanquim. Depois, esfregou com ponta dos dedos até a cor se diluir no suor. Era vermelho. Um vermelho bem específico. Era cor de fígado. Esperou o sujeito se afastar e guardou o fruto no bolso.

A paisagem dos fundos da casa parecia exatamente com a da fachada. Também havia uma estrada exatamente igual, e fileiras de árvores a se perderem de vista. Do fundo do céu, sobre o topo das árvores, as trevas avizinhavam o campo. Não havia a portinhola que conduzia através do cercado. Do lado esquerdo, havia um buraco. Eles tiveram de atravessá-lo para sair do terreno.

Ambos caminharam por um longo percurso sobre a relva macia. O único som era o rangido de sola esmagando folhas e a respiração arfante. O vento era estéril, imóvel. Félix concluiu que o ar estava morto. Gotas de suor brotaram por dentro de sua roupa e começavam a incomodar impregnando-se entre as virilhas.

- Vamos – gorgolejou o estranho.

- Está escuro.

- Tem uma lanterna aqui.

Sr. Félix limpou o suor dos cílios e meteu a mão na bolsa pendurada nos braços do sujeito. Encontrou uma lanterna a querosene e dois pares de fósforo. O primeiro chamoscou sem sucesso sobre

pavio. Aconteceu o mesmo com o segundo, e o terceiro apagou com sua respiração ofegante. Para não perder o último, usou o pedaço de jornal com a foto de Sr. Dioniso. Mas, antes de queimá-lo, hesitou. Aproximou-o dos óculos enebados. Minúsculo, no quadro, pensou ver sua própria imagem. Logo deixou que as chamas consumissem o papel. O pavio se queimou e a luz cresceu.

- É desagradável, não? - disse o velho já tão longe que se tornara invisível nas trevas. – Mas chega um dia em que a gente tem que se livrar do peso nas costas.

Félix perseguiu os ecos de sua voz até encontrar o ruído dos próprios passos.

## V – Paisagem sem rosto

Os primeiros cinquenta metros à margem da floresta não foram tão difíceis, mas ao alcançar o trecho abarrotado de árvores, o terreno se tornou enrugado. A julgar pelo descuido dos passos do velho, logo tropeçaria em um sulco e se espatifaria no chão. Podia jurar que as raízes se remexiam no solo, como se uma imensurável força aprisionada logo abaixo tentasse escapar.

A mente de Félix já havia se esvaziado em absoluto, e as árvores repentinamente desapareceram. Em seu lugar emergiu um

campo vazio que se estendia a lugar algum. Félix apertou os olhos para enxergar um vulto amarelo bruxuleante a duzentos metros de onde estava. A escuridão se reunia em uma mesma garganta. Uma densa e longa cortina do chão ao infinito. Não era de todo negra. Na verdade, juraria que ainda conservava um rumor do ocaso. Um halo pulsava abaixo do que seria o horizonte. Tinha a impressão de que algo se movia por trás do céu.

- Venha, camarada – disse o velho. – Por aqui.

Ao primeiro passo, teve a sensação de pisar em tinta. Verificou a sola dos pés. Nenhuma sujeira além de terra úmida.



Não havia trilhas. A vegetação era um imenso cobertor de dentes-de-leão. Adiante, sentado em uma cadeira, fumando um cachimbo que refletia a luz das velas, sr. Dioniso desenhava um esboço no caderno. Os candelabros, Félix notou, eram iguais aos do salão, com a diferença da cera de velas rubras escorrendo sobre a prata.

Dioniso deixou o caderno aberto sobre a mesinha de madeira. Beliscou uma succulenta polpa de fruta e limpou os dedos num lenço bordado. Sem cerimônias, levantou-se para cumprimentar o visitante. Seu rosto era impassível e ao mesmo tempo franco. Não esboçava nenhum traço de hostilidade. Também não parecia nada amistoso.

- Muito obrigado por atender ao convite, meu caro – disse.

O velho circundou-o. Depois fincou o cavalete no chão. Pegou a tela das mãos de Félix e a pendurou no devido lugar.

Dioniso permaneceu com a mão levantada, porém, Félix hesitou tocá-la. Só correspondeu ao cumprimento ao constatar que ambas estavam sãs, sem máculas ou ossos quebrados. Um leve cheiro de óleo subiu de entre seus dedos.

- Estava à minha procura. Isso é verdade?

Félix meteu a mão por baixo do colete por instinto.

- Não exatamente – respondeu.

- Queria ver algo especial, presumo.

- E vi. Sim. Algo estranho.

Dioniso esfregou as palmas para aquecê-las.

- O que era?

- Um quadro.

- E o que pode haver de estranho em um quadro?

- Era igual...

- Igual?

Sr. Félix arregalou os olhos.

- Sim. Era igual a tudo neste lugar.

Dioniso encarou a extensão da paisagem de um ombro a outro. Concentrou-se apenas na testa de Félix.

- Ando reparando como as transformações da natureza deste lugar há um tempo. Notou

como aqui não dá para saber onde o sol se põe?

Félix apertou os olhos e se esforçou para encontrar uma resposta. Abriu a boca, mas Dioniso agachou-se para arrancar algo do solo e desatou sua reflexão.

- Primeiro, pense num tubérculo. É regra da vida que tubérculos necessitam de água, adubo e todo tipo de elemento podre para dar forma aos ramos e folhas, concorda? Por um motivo que não temos ideia, ele projeta-se para fora do corpo carnoso e abre as folhas verdes. As folhas crescem, o tubérculo diminui, resseca, murcha, morre. A energia é transmitida para novas folhas. Novos ramos. Novos tubérculos.

Ele se voltou para Félix como se conversasse com uma criança.

- Está acompanhando?

- Claro – mentiu. – São os tubérculos. Eles nascem, crescem e...

- Sim – interrompeu. - A energia dos ramos, eles parasitam a luz do sol, que corre para os brotos debaixo da terra, tudo ocorre em segredo, é claro. Os tubérculos são imortais, a crescer e morrer e renascer, até que alguém os devora. Para onde será vai o tubérculo? O que se torna o excremento depois que se decompõem? O que se torna a energia da luz depois que é parasitada pelo tubérculo e se transmuta em fezes? Pessoalmente, eu acredito que não se

transformam em nada. Não importa realmente. Porque nunca chegamos de verdade ao fim. Não vamos ver o fim. Toda essa energia empregada no tubérculo, - este tubérculo, - vai continuar se arrastando por aí até não se sabe quando. Não importa o que você ou eu digamos.

O velho já tinha montado todo o aparato de pintura. Sobre a mesinha, um copo portava todos os pincéis que Félix havia perdido no sonho.

- Obrigado, Nômolas. Sabe, meu amigo, as pessoas falam da vontade de Deus. Sobre como o mundo se move sob sua égide e potência. Conheço homens realmente inteligentes. Você não contaria a quantidade

deles que existem no mundo. Alguns sabem tantas coisas que poderiam ser donos dele. Mas eu não concordo com a sua própria vontade se eles questionam qual é a vontade de Deus.

Ele aponta para o vidro com restos de tinta amarela.

- Está faltando essa. Isso. É o mesmo problema que encontro quando eu questiono: vontade de qual deus? Não posso ter certeza dessas coisas. Temos que apelar para além da certeza. Todos estão certos. Questão de fé, meu amigo. Mas fé em quê? Não conheço Deus ou deuses, mas conheço a minha vontade, eu respondo.



Obrigado, Nômolas. O que eu seria sem você?

O velho correspondeu com uma mesura sutil e lhe entregou o recipiente cheio de tinta.

- Sabia que, quando nascemos, todos nós possuímos um deus e um demônio atrás das orelhas?

Félix sentiu a direita pinicar.

- Não sabia.

- Não lembro quem, mas alguém me dizia isso para assustar quando era criança.

Conhece Gilgamesh, não?

- Ah?

- Faz poucas décadas que encontraram a tábua com as histórias. Gilgamesh era um rei. Ele contou a história de sua vida, a vida morta mortal, quero dizer. Quando a contou aos filhos, eles não acreditaram que existia um ser tão frágil como os homens. Entendiam seu pai. Ele não queria ser esquecido como um homem. Existe um monte de histórias que não passaram da memória dos que ouviram. Quase todas as histórias já foram esquecidas. Mas, talvez, pela boa vontade dos filhos, a fortuna abençoou as palavras gravadas de Gilgamesh. Não em pedra, mas em corações. Muitos corações. Estamos falando dele agora. E vamos falar para sempre dos terríveis feitos de Gilgamesh. Vamos

repetir sua vida em nossas lembranças enquanto não despertarmos. Não vejo muita diferença entre as palavras gravadas do nosso rei e minhas pinturas.

Sr. Félix não prestava a atenção nas sentenças. Os sentidos sombrios, sentidos para além dos contornos lhe esgarçavam os pensamentos. Preferiu se concentrar nas feições do sujeito. Talvez ali encontrasse algum significado verdadeiro. Repetidas vezes tentou encaixar a face do rapazinho de suas memórias na de Dioniso.

- Quer ouvir como cheguei aqui, Félix?

Quando recitou seu nome, um rumor saltou como bolhas, que estouraram em seus ouvidos. Dioniso pegou um pincel e

massageou as cerdas com a ponta dos dedos, dizendo:

- Mas antes, preciso fazer uma pergunta. -  
Não sei, senhor. Não posso prometer...

- Sente medo de ser esquecido?

Félix abanou a cabeça como um abobalhado e recuou um passo. Sentiu os nós dos babados de linho agarrando seus calcanhares. As cortinas do salão brotaram do solo para arrastá-lo de volta. Sentiu o odor de fumaça ao longe. O tecido continuou a escalar suas panturrilhas, mas ele sacudiu as pernas para se soltar, e se arrependeu.

- Existe um escritor barato, mas de quem gosto muito. Todos lembram do nome dele

hoje em dia. Mas quase foi esquecido. Por que não foi esquecido, você deve estar se perguntando. É evidente que, no último instante da sua vida miserável, ele decidiu não ir embora. Decidiu ficar entre nós. E ficou. Como uma vontade amarga, atada ao sucesso de suas palavras. Um fantasma de suas obras. Às vezes ouço outros iguais a ele. Outros que não foram embora. Maria. Jorge. Julio. William. Poe. Howard. Félix. Esse é o segredo. O inferno pertence a quem permanece como um borrão de fuligem grudado nas nossas sombras, arrastando-se pelos calcanhares da fama. Eles quase conseguem sentir o sabor das coisas quando eu ponho a comida na minha boca. Quase.

- Os mortos?

- Não estão mais mortos. Medo, gozo, angústia, pesadelo, esperança. São agora o horror. Às vezes, tudo que os mortos desejam é alguém com quem conversar sobre a vida. Isso é seu horror.

Ele piscou para o velho sem esboçar emoção; e voltou-se a Félix. Os lábios cor de gelo se abriram e a voz soou áspera, como se ecoasse do fundo de uma caverna.

- Lembra da cor dos meus olhos quando minhas mãos não serviam mais para você?

- Eu. Não, não lembro.

- Não vai lembrar.

- Não me leve a mal, senhor! Eu nem sei por que estou aqui!

- Não vai saber – reforçou. - Mas vai lembrar da vizinha. A vizinha falava alto. Falava como se sua vida fosse interessante, não? A tua irmã, tão pesada que não conseguia se levantar da cama, e sempre com uma costela de porco debaixo do travesseiro. Um verdadeiro mistério como aquilo aparecia ali. Havia a faxineira. Ela andava se deitando com o amigo de teu filho. A tua tia. Torcia o braço das crianças quando ninguém via. O avarento tio-avô, que não cortava unhas ou cabelos para economizar o fio da tesoura. A cozinheira que trabalhava noite e dia pulou da janela do quarto andar, mas não morreu. Não podemos esquecer do porteiro, que tinha um caso com a cadela de estimação. Eram



muitos pecados. Mas, como você dizia, não há pecado se não há memória.

- Por favor! – Félix virou a face.

- Eu também discordo. Discordo e agradeço, Sr. Félix. Agradeço pelos seus pecados. Ou não estaríamos aqui, desfrutando de nosso último momento juntos, para sempre.

Como em um ato ensaiado, o velho abriu o cesto e tirou algo embrulhado no pano. Uvas vermelhas como rubi. Dioniso tirou uma uva do cacho e a estourou entre os dentes.

- Deliciosa - agradeceu.

Após comer a segunda uva, lambeu os dedos e apontou para o velho.

– Quer saber algo curioso sobre ele.

O infeliz abanou a cabeça negativamente.

- Esse senhor não tem nenhum nome de verdade. Engraçado isso. Podemos chamá-lo do que quisermos. Ele não vai se importar. Não precisa acreditar no nome que lhe dermos. E outra curiosidade: ele e a minha criada são a mesma pessoa. O mais interessante é que se não tivesse saído de sua casa com as mãos quebradas naquela noite, não os conheceria.

- Não mesmo, mestre – disse o homúnculo que já não parecia mais um velho nem uma velha cozinheira.

- Lembro que eu pintava bem. Mesmo antes de perder as juntas dos dedos. Mas era

pouco, muito pouco, até o dia em que aprendi a pintar o destino. As guerras, a praga, a fome e o fim, todas as desgraças, ontem ou amanhã, aprendi a pintá-las com meu amigo.

Por instante, Dioniso parou e escolheu outro pincel, um de cerdas finas.

- Agora, Félix. Eu tenho certeza. de que você conhece bem. Já ouviu falar no dia escondido.

Ele não sabia se era uma pergunta, mas, sim, ele conhecia. Dias escondidos eram apenas fábulas, pensou. Segundo a lenda, existia um dia fora do tempo comum, como um grande espelho imóvel refletindo um mesmo instante. E a cada quatro anos, no

período bissexto, ele fingia ser o outro, e confinava o incauto em seu interior, como no jogo de esconder a semente debaixo do copo. Se alguém despertasse no dia mentiroso, poderia viver o mesmo instante para sempre atormentado pelos seus piores medos.

- Vejo que se lembra – concluiu. - Encontrei esse amigo em uma manhã de um dia escondido. Eu abri os olhos e o tempo simplesmente deixou de passar. Não havia para onde me mover. Estava só com minha própria imagem. Então mergulhei, mergulhei o rosto no espelho. Queria quebrá-lo. Mas mesmo que minha força se assemelhasse ao próprio Deus, meu reflexo jamais se romperia. No lugar de cacos de

vidro, era meu rosto que vi em pedaços. Logo os estilhaços foram engolidos pelo abismo de minha imagem. Hoje eu tenho esse rosto, e agradeço, Félix. Graças a você compreendo o provérbio: “a inveja é filha mais velha do medo”. E eu ainda acrescento: “a filha se tornou mãe de um pesadelo”. A realidade é um falso sonho, meu amigo.

As memórias pairavam na mente como se fossem nuvens negras através das quais não conseguia olhar as estrelas. Reuniu energias para quebrar os muros que bloqueavam suas lembranças, mas logo vinha a dor. Sentia espinhos crescendo no interior do crânio.

- Seja lá o que for que fiz - gritou, - me perdoe! Me perdoe, me perdoe, me perdoe!

E continuou a repetir, as secreções esfumando a visão, até se ajoelhar aos pés de Dioniso. Este pôs a mão direita no alto da cabeça de Félix e, em tom piedoso, respondeu:

- Perdoar por quê? Não há culpa se não há memória. Nem culpa. Nem arrependimento. Félix não tinha reparado. Aos calcanhares de Dioniso, estavam os limites de um lago. Mas pela enorme proporção das águas, tinha certeza de que era um mar. No seu reflexo , podia enxergar a parte inferior do halo de luz negra, como se houvesse um mundo mais profundo. No centro, as brasas

baças sibilavam como mercúrio, e ao encará-la, seus pensamentos se esvaíram feito água no fogo. As retinas queimavam e revelavam o salão onde havia desmaiado. Ele sorriu. A saliva gotejou formando círculos que se espalhavam pela superfície fluida. A mente afundou em um pântano de dor. Doía encarar o séquito do artista, como se fosse ele sua obra. Apesar do sofrimento, preferia encarar o horror atraente da luz negra do que os olhos vazios de Dioniso.

O pintor de mãos puras notou que Félix se refugiava no reflexo. Então, mirou o céu e apontou o centro de tudo.



- Não é lindo? – perguntou. – Você pode olhar direto para Ele, se não quiser sentir medo.

Depois, voltou-se para velho transmutado em homúnculo. Ergueu o pincel na altura do rosto da criatura que, imediatamente, abriu a boca e desenrolou a enorme língua. Podia vislumbrar as vísceras desconjuntadas pululando através da garganta. A carne do órgão era negra e estava seca. Cuspiu uma torrente de muco guardado em um lugar mais fundo, e assim o artista mergulhou o cabo, esfregou as cerdas úmidas na beirada do esôfago até ficar satisfeito. Voltou o pincel para o buraco aberto no ouvido e obteve nova coloração. Um tom mais suave. Escorreu o

excesso na paleta virgem, e não tingiu a tela enquanto não teve a resposta para a pergunta:

- Caríssimo irmão Félix, diga: onde você quer estar na próxima vez?



# O BANQUETE

S.

## 1. Hors-d'oeuvre

Todos à mesa. A noite é um azul marinho esverdeado pela plateia de árvores que cerca a mansão. Assistem à sala de jantar como a uma televisão silenciosa, emanando sua luz dourada sobre o pátio. Dentro, o silêncio bucólico da mata dá lugar ao vozerio que marca o primeiro estágio do jantar. E fusão de novidades, risos e taças, um bebop reverberando na parede pastel, vibrando a porcelana das estantes, a moldura dos traços ousados da vanguarda, a corda tensa do piano há muito mudo.

Fossem foto, congelados no tempo, talvez ocupassem alguma parede, expostos ao olhar externo como recortes eternos de uma felicidade familiar plural e complexa. Sujeitos, contudo, à entropia do universo, se desgastam como sorrisos arqueados tempo demais à espera de um fotógrafo hesitante. Nesse instante fugaz e mágico, se dispõem em volta da mesa, em ordem:

- Mário, cabeceira norte da mesa. Ombros altos murando um pescoço, uma cabeça que tenta se afundar no próprio peito e fugir dos olhos alheios. Taça entre dedos nervosos, olhos pendulando entre os demais rostos.

- Clarice, cabeceira sul da mesa. Cigarrilha desenhando arabescos cinzas no ar. Gestos no ar, orquestrando argumentos. Pernas

cruzadas e inquietas, serpentes enroscando a si mesmas num imaginário caduceu.

- Érico, ocidente da mesa. Conteúdo ideal para uma camisa polo. Relógio, cinto, sapato. Sorriso ameno de seriado antigo. Apenas o corte de cabelo geométrico denunciando a severidade do pater familias. Com ele: Mafalda, anexa, penumbra perfumada, riso-resposta ao humor pasteurizado do companheiro; e Luisinho, herdeiro solitário das expectativas de toda a família, ainda alheio ao peso inadministrável que lhe recairá com o tempo.

- Oswald, oriente da mesa. Olheiras e chinelo. Demasiados botões abertos. Dentes amarelos de deboche. Voz alta,

naturalmente ética. Parede fina entre riso e choro, entre gozo e dor, vício e virtude. Com ele: Patrícia, preto e branco estampado pelo batom vermelho; e Pilar, dedos de pianista passeando como tarântulas pela mesa em busca dos canapés.

ÉRICO: Lá nos EUA você não come um canapé desses. Só pagando muito caro. Eu sinto falta disso, de uma comida de qualidade, né, amor? Faldinha tenta inovar nos pratos, mas é tudo muito sem sabor lá. Por isso que usam tanto ketchup.

OSWALD: Aqui se pronuncia quetichupi.

ÉRICO: Mas se pronuncia errado. Não tem mal nenhum em a gente aprender a falar as coisas certo, né?

OSWALD: Se você quer falar certo, precisa aprender a pronúncia chinesa. Quetichupi não é americano.

MAFALDA: Oswald sempre com essas leituras doidas, né?

ÉRICO: Eu nunca vi você reclamar da Clarice pronunciando Goethe.

CLARICE: Com nome de gente é diferente. Quetichupi tem uma versão aportuguesada, não tem razão de usar outra. Curiosamente, alguns nomes, geralmente figuras históricas de grande renome, também recebem versões diferentes, como Martinho Lutero ou Júlio César. Não é o caso de *Goethe*.

PATRÍCIA: E eu tenho um companheiro chamado Caio Júlio César? Certinho mesmo, sem nenhum outro sobrenome. O



pai dele botou porque achou parecido quando o garoto nasceu. E outro dia a gente fez uma montagem e botou a estátua do lado. É igualzinho mesmo.

ÉRICO: Quantos anos tem a Patrícia, Valdinho?

CLARICE: Você pode falar diretamente com ela, você sabe né?

MAFALDA: Clarice não perdoa mesmo, né? Haha. A gente tava com saudade desse seu jeito rabugento.

CLARICE: É o que acontece quando você não é criada como uma...

PATRÍCIA: Eu fiz dezenove semana passada. Vai ter bolo pra mim, seu Mário?

OSWALD: Sem o “Seu”, Pagu, daqui a pouco vai querer chamar ele de tio, porra.

PATRÍCIA: É carinho só, ele não liga, né, seu Mário?

MÁRIO: Eu...

ÉRICO: Parabéns, Patricinha. Verdade, acho que a gente teve essa conversa no ano passado, né? É, eu sei. É a idade chegando. Mamãe me teve muito cedo. Até chegar o Mário eu já quase tinha bigode.

MAFALDA: Érico é exagerado... Vocês têm que ver como ele agora está cismado com isso de idade. Gastou mais de quinhentos dólares em creme pra rejuvenescer a pele, parece que ele é que é a mulher da casa.

CLARICE: Por quê?

MAFALDA: Por que o quê? Por que ele usa o creme?

CLARICE: Não, por que ele parece a mulher da casa? Você faz isso?

MAFALDA: Eu não, mas...

CLARICE: Então qual exatamente é a comparação?

OSWALD: Quinhentos dólares em creme e você continua me cobrando aqueles duzentos reais do ano passado, Érico?

ÉRICO: Você sabe que não é pelo dinheiro, Valdinho, é que você parece que não cria responsabilidade...

MAFALDA: Vocês não vão começar a falar de dinheiro na mesa, né, amor?

(...)

PATRÍCIA: Mafalda é um nome engraçado. Eu lembro que no vestibular eu tinha que ler um monte de tirinha dela pra

prova de espanhol... Sua mãe era muito fã da tirinha?

MAFALDA: Não. Costumam perguntar, mas é só um nome normal lá de onde eu vim...

ÉRICO: É um nome de origem nórdica, inclusive. Deriva do nome Matilda e significa força em batalha.

OSWALD: Ironicamente...

PILAR: Mário, isso está delicioso. Se eu soubesse que você é esse cozinheiro de mão cheia já tinha sugerido pro Muller pra gente vir te visitar antes.

MÁRIO: Obrigado, é um...

ÉRICO: Olha, a Patrícia que já tá com ele há mais tempo já acostumou, aqui no jantar você precisa trocar o nome, porque Muller

todo mundo é. Valdinho tem cisma com o nome dele, um nome bonito desses.

CLARICE: Vocês precisam parar de cortar o Mário cada vez que ele tenta falar. Érico, se dependesse de você o jantar seria uma palestra sua.

MAFALDA: Pobre Mário, ah, esse Érico não fecha a matraca mesmo. Parece até... bom, fala, Marinho.

MÁRIO: Eu... é... Pilar, né? Prazer, Pilar. É um concassé de ostras granulado com algas e pitanga. Esse ano eu estou fazendo uma releitura de Savoy. É, talvez, a única maneira dos meus irmãos chegarem perto da real arte gastronômica. Como você já deve haver notado, Oswald não é uma pessoa de paladar refinado. E o Érico...

PATRÍCIA: Uma vez ele comeu um mocotó que estava há duas semanas na geladeira. Juro pra vocês. Clarice, você pode me emprestar o isqueiro?

MÁRIO: ... demais para esse tipo de culinária. Só a Clarice...

MAFALDA: É verdade, pra ele refeição tem que durar dez minutos. Depois ele já começa a trabalhar pelo celular. Luisinho fica pegando esses exemplos, coitado.

MÁRIO: ... mas ela anda tão sem apetite. A ideia principal é criar uma experiência de descolonização antropofágica...

OSWALD: Você vai servir carne humana de novo, Mário?

MAFALDA: Ai, que horror, menino, não fala uma coisa dessas.

ÉRICO: Ô Valdinho, olha o Luisinho aí, pô.

MÁRIO: como eu ia dizendo, uma descolonização antropofágica. Apesar da brincadeira do meu irmão, não se trata de canibalismo, mas de uma assimilação ritualística do colonizador, que, devorado pelo colonizado, transgredido, dilacerado, é deglutido na forma da cultura nativa. Em vez de buscar a pureza, busca-se a mistura.

CLARICE: Eu pensei que a gente já tivesse superado essa fase de glamourização da hegemonia...

PILAR: Nossa, Mário, é uma comida conceitual, então?

ÉRICO: Não dá trela, menina. Essa aí não conhece o Mário ainda...



CLARICE: Não chama ela de menina, Érico.

MÁRIO: É uma experiência de sentidos e ideias, Pilar. Nós vamos empreender hoje aqui uma viagem pela memória, pelas emoções, pelos símbolos. O grande problema da culinária é que ela é facilmente banalizada: comemos desde que nascemos até morrer, todos os dias, sem exceções...

PATRÍCIA: Por aqui, né, lá no mundo real nem sempre é todo dia...

MAFALDA: Claro, coitados... Mas não é isso que o Marinho quer dizer...

MÁRIO: ... se não desautomatizarmos a refeição, ela se torna uma obrigação, ou um prazer bruto, um vício. Agora, ao modificar a relação com a comida, combinar seus

aromas, suas cores, suas texturas, saber harmonizar os sabores...

ÉRICO: Agora não pode mais chamar as pessoas de menina também não, é, Clarice? Ela é menino por acaso? Só se estiver muito bem disfarçado, né, Pilar? Ia ter que ser o melhor ator do mundo pra me enganar tão bem!

PATRÍCIA: Ela não é menino, mas nasceu menino, seu Érico. E aí?

OSWALD: Pagu, porra!

PILAR: Tudo bem, Muller, relaxa, não tem problema nenhum.

ÉRICO: Ai meu deus... Valdinho...

MAFALDA: Ele tá só implicando com a irmã, você não liga, não, Pilar, que esses dois são de uma implicância, isso aí desde

pequenos já, né, amor? Mas são um grude. Ela vive ligando lá pra casa, né, Clarice?

MÁRIO: A gente precisa criar um contexto de recepção para ela. Pra refeição digo. Se não é como tentar ler James Joyce enquanto se conversa com os amigos. É impraticável.

OSWALD: Eu vou mijar e jogar uma água na cara.

ÉRICO: Eu vou aproveitar pra fazer só um telefonema, já volto, amor.

MAFALDA: No meio do jantar, Érico? Você não ouviu o que o Marinho...

ÉRICO: É um segundo, é a filial de Chicago...

CLARICE: Quer terminar esse cigarro lá fora, Patrícia? Pilar quer acompanhar a gente?

PILAR: Eu vou terminar de ouvir o que o Mário tem a dizer, obrigado.

MAFALDA: Mário, eu vou botar a pizza do menino no fogo, tá?

MÁRIO: Não demorem, o próximo prato precisa ser comido no exato momento de sua chegada.

## 2. Entree

MAFALDA: Cadê o Érico, heim? Esse Érico só pensa em trabalho. É cada papelão que a gente passa com os amigos lá na Flórida, que só vocês vendo.

OSWALD: Vocês têm amigos lá? Eu nunca vi uma foto de vocês com ninguém...

MAFALDA: Bom, um dia recebemos uns vizinhos e tem também a mãe de uma menina que costuma brincar com o Luisinho na escola, um dia ela foi buscar o menino lá em casa e, bem, ficou pra jantar... É difícil, eles são um povo muito fechado, sabe? Mesmo na Flórida.

PILAR: Pronto, Mário, as fumantes já voltaram, agora só falta o Érico mesmo. Estou curiosíssima para ver o próximo prato, te confesso. Mário faz um suspense...

CLARICE: Mário sempre faz muita cerimônia com esses jantares. E pra quê? Pra ver o Oswald misturar tudo com uísque? Ou pro Érico fingir que come e depois ir lá nos fundos roubar um pedaço da pizza do Luisinho? Eu já falei pra ele

que era só pedir comida. Tem uns restaurantes ótimos aqui na região que entregam.

MÁRIO: Eu não quero chamar ninguém pra minha casa pra comer um prato feito, como se isso fosse uma pensão barata.

PATRÍCIA: Se ele conhecesse o angu da dona Alzira, ali em Santa Teresa, ele não falava isso, né não, mô? Dava pra comer todo dia. Tem uma pimentinha caseira lá que...

MAFALDA: Adoro pimenta caseira, menina. Isso é uma coisa difícil de achar lá nos EUA...

OSWALD: Tudo é EUA, gente...

MAFALDA: Oi, Valdinho, o que você disse?

MÁRIO: O prato já tá vindo da cozinha, Mafalda, pode, por favor chamar o Érico pra mesa. Olha, já estão trazendo.

MAFALDA: Ele parece uma criança, às vezes, sinceramente... AMOR! Eu já volto, gente, um segundinho...

OSWALD: E você fala em casamento, Pagu, quer acabar assim, é?

PATRÍCIA: Ah, não mete esse, mô, até parece...

CLARICE: E como fica funcionando essa dinâmica de vocês três com isso de casamento? Vão os três pro cartório, Patrícia?

OSWALD: A Pilar tá há pouco tempo com a gente, a gente não entra nesses termos com ela ainda não... Não dizendo que a



gente não queira, Pilar, você sabe que... Nós três somos... É que também não vamos assustar ninguém...

CLARICE: Então casam os dois e depois fazem um termo de inclusão pra ela?

PILAR: Eu acho isso de casamento uma bobagem...

OSWALD: Clarice, deixa de ser implicante, cacete!

PATRÍCIA: Eu acho bonito, casar na igreja. E se for os três melhor que já choca essa gente da família aí mais careta, sabe?

CLARICE: Eu acho ótimo, mas realmente fico intrigada com essa dinâmica. E ainda mais com vocês duas vendo alguma coisa nesse traste...

PATRÍCIA: Ah, isso é mistério mesmo, Clarice, ele deve ter feito macumba...

ÉRICO: Quem fez macumba?

CLARICE: Pronto, voltou o business man.

MAFALDA: Estava esperando a pizza do menino pra roubar um pedaço, acreditam? É um criança mesmo.

ÉRICO: Amorzinho, menos. Olha, Pilar, desculpa qualquer coisa antes, tá? Eu não sou preconceituoso não, tá? É que foi uma surpresa, eu realmente não sabia, você ficou tão direitinha, parece mesmo mulher...

CLARICE: Parece?

ÉRICO: Não, vocês entenderam, pô! É que normalmente fica estranho, né? Uns maxilares longos... Que foi, Mafalda? Ok,

vamos deixar isso pra lá, você desculpa, tá, Pilar?

PILAR: Nada não, por mim não tinha nem entrado no assunto.

MÁRIO: Chegaram. Fiquem quietos um segundo. Isso, podem botar os pratos.

OSWALD: Que fumaça é essa, porra?

ÉRICO: Era o que falta, isso é sopa de gelo seco?

OSWALD: Sopa de gelo seco é ótimo...

CLARICE: Ele pediu silêncio, gente.

MÁRIO: Sintam o aroma subindo. Permitam-me, ou melhor, me permitam me levantar para circular um pouco por vocês enquanto explico. O prato que vocês têm diante de si é um sortido de frutos do mar em preparos diversos. Há o medalhão de

lagosta vermelha, do Rio Grande do Norte, alocado no centro, trazendo essa cor viva ao prato, subjugando os tons ao seu redor; o salpicão de siri com mandioquinha defumada ameniza a agressividade do vermelho sangue com seu pálido amarelo; e, por último, a geleia de guaiamum, escura, quase uma sombra sob a bruma. A fumaça a que meus irmãos se referiram é uma névoa de água marinha, feita através de um processo de aquecimento prévio de pratos de pedra especiais que ficam por baixo dos pratos mais finos. Comer essa entrada é caminhar pela praia deserta nas primeiras horas da manhã, sentindo a energia do mar e do sol nutrindo seu corpo, te preparando para um dia de aventuras, de paixões. É

vislumbrar, vulto no branco, as silhuetas dos pescadores locais, sentinelas pacientes. Ouvir o arrastar ainda preguiçoso das ondas na areia, o grito distante das maritacas. Podem comer.

PATRÍCIA: Pior que dá mesmo pra sentir o cheiro de maresia, né?

PILAR: É fantástico, Mário. Obrigada.

OSWALD: Tem quetichupi aí, não, Mário? Ah, desculpa, como é, Érico? Ketchup?

MAFALDA: Valdinho adora irritar os irmãos, né?

CLARICE: E esse vinho...

MÁRIO: Pilar, tente não mastigar tão rápido. Mantenha a mordida na boca por alguns segundos. Deixe que ela passeie pela sua língua, encontre seus pontos de sabor.

Isso. Respire lentamente enquanto mastiga para salientar os sabores. Coloque a mão também. Aqui, deixa eu te ajudar. Isso toque de leve, depois aperte...

OSWALD: Isso tá ficando pornográfico, Mário, porra.

MAFALDA: Não deixa o Luisinho ver vocês com a mão na comida, foi uma dificuldade pra ele aprender a usar os talheres, gente.

ÉRICO: E aquela foto dele todo lambuzado, a gente já mostrou pra eles, amor? Pega lá no celular.

CLARICE: Não, pelo amor de Deus, todo mundo ama o Luís, mas ninguém aguenta um tour de fotos de criança.

MÁRIO: ... a experiência de uma obra de arte. Por isso que um restaurante realmente digno jamais aceitará entregar comida, ou abrir uma filial num... shopping.

ÉRICO: Mário, a comida é boa, mas você precisa parar de ficar chamando de arte. Soa pedante. Comida é comida. Arte é arte.

PATRÍCIA: E aquele cara que pendurou uma banana na parede numa exposição de arte?

OSWALD: É arte num sentido amplo da palavra, como falar artes médicas, por exemplo...

CLARICE: na Grécia antiga não havia diferença para o fazer do artesão e do artista, tudo era *tekhné*.



MÁRIO: Vocês se comportam como o público que vai a uma exposição de arte moderna pela primeira vez e vaia os artistas por desconhecer as propostas estéticas.

CLARICE: Você comete uma injustiça com a gente.

OSWALD: É, Mário, aí é demais. Somos uma família artística. Mesmo o Érico sabe apreciar uma exposição de Ohtake.

ÉRICO: Como assim, mesmo o Érico? Minha casa é decorada com peças legítimas, Oswald, se há um espírito bruto na família é você...

PATRÍCIA: Isso não dá pra dizer dele, parece que nunca viu as poesias que ele escreve...

CLARICE: Poesia só é bonita quando você é famoso ou muito fodido, desculpem o francês. De outro jeito, é só meio triste mesmo.

MAFALDA: Sabia que você está entrando numa família de artistas, Pilar?

OSWALD: Entrando numa família? A gente não vai casar não...

PATRÍCIA: Que isso, Valdo?

CLARICE: Oswald não responde bem a compromissos...

OSWALD: Não foi isso que eu quis dizer, Pilar, é só pra você não se sentir... eu não devia ter te apresentado minha família, isso que dá...

PILAR: Eu estou adorando.

MAFALDA: O Érico pintava quando era mais novo...

ÉRICO: Não pinto mais porque não dá tempo...

MAFALDA: E a Clarice é uma pianista de primeira. O Mário se dedicou à comida para não ficar pra trás. Ele entrou tarde na família, não sabia da regra...

ÉRICO: Amorzinho...

MAFALDA: Não tem motivo pra vergonha, gente. Somos todos adultos. Você se importa ainda com isso, Mário?

MÁRIO: Não... eu...

OSWALD: Gente, o Mário é negro. Acho que não é nenhuma surpresa pra Pilar.

CLARICE: Ele poderia ser filho só por parte de mãe ou parte de pai.

ÉRICO: Aí ele sairia mais moreninho, né, não sairia assim...

CLARICE: Moreno é cor de cabelo, Érico.

PATRÍCIA: Eu quase fui adotada. Minha mãe ficou desempregada quando eu era bebê, passou mó perrengue, quase me deu. Mas no final aguentou as pontas.

MÁRIO: Isso não tem nada a ver com eu ser adotado. Tem a ver com a dificuldade que vocês têm em aceitar um fato: eu sou tão artista quanto vocês. Diria mais, uma vez que sou o único que ainda produz com frequência.

OSWALD: Eu produz com frequência.

CLARICE: Você se refere ao seu blog?

OSWALD: E se for publicado em blog perde valor artístico, é isso?

ÉRICO: O comentário do Mário sobre contexto sem dúvida se aplica à poesia. Não dá pra ler poesia recebendo nude no whatsapp, garotão.

PATRÍCIA: Olha o seu Érico aí com altas revelações.

MAFALDA: Quê isso, amor?

ÉRICO: É um jeito de falar, é pra fazer graça. O ponto é que o livro é uma peça fundamental na construção do contexto de recepção: moldura, cheiro, textura, diagramação.

MÁRIO: Será possível que vocês vão tomar meu comentário sobre contexto de recepção da arte, mas não vão assumir que minha gastronomia é artística?

OSWALD: Tem algum prato seu pendurado nas paredes?

CLARICE: Eu não estou certa de que dê para alçar a culinária ao nível das artes, mas tampouco dá pra comprar esse seu argumento de exposição, Oswald. Você não “coloca nada nas paredes” há anos. Talvez o Érico tenha colocado há menos tempo que você.

ÉRICO: Aquela exposição no Soho, antes da mudança, lembra, amor?

OSWALD: Ah, Clarice, dá um tempo. Você fica nesse ping pong, não sabe se ataca ou se defende o Mário, mas também não sei se dá pra chamar você de artista. Você toca piano. Você não compõe, não cria nada.

MÁRIO: Você esqueceu a peça em homenagem à Mãe.

OSWALD: Mas aquilo é homenagem, não conta. É que nem dedicatória em livro, é uma coisa ali pra intimidade, não é criação artística autônoma, livre.

CLARICE: Se você não tem a sutileza de perceber a interpretação que um músico imprime numa peça...

MAFALDA: Mas interpretação qualquer um faz lendo, né? Não é que nem escrever.

CLARICE: Olha só, Mafalda saiu de sua eterna posição de simpatia e hipocrisia. E só foram necessárias duas taças de vinho.

MAFALDA: Não vem bancar a surpresa agora não, Clarice. Você passou a noite toda me alfinetando. Você acha que eu não



percebo esses olhares? Essa arrogância? Eu sou inferior por quê? Por que eu sou dona de casa? É isso que você não consegue aturar? Você chama as meninas pra sair fumar um cigarro lá fora e nem me convida.

CLARICE: Não sabia que você fumava agora...

MAFALDA: Não é o ponto! Você poderia ter sido educada, ter me chamado. Chamou até ela, que nem é...

OSWALD: Eita...

ÉRICO: Tá vendo, Mário, essa sua cisma com culinária e contexto de recepção está acabando com o próprio contexto de recepção que você espera para a sua culinária.

MÁRIO: Vocês é que estão acabando com o contexto de recepção.

MAFALDA: Eu vou ver como está o Luisinho, com licença. Olha, você desculpa, Pilar, você não tem nada a ver com isso. É que a Clarice, não é de hoje que ela... E o Érico não fala nada.

ÉRICO: Eu?

CLARICE: Gente, vamos acalmar os ânimos. Mário, se você considera arte, é o que importa. A gente sabe o quanto importante isso é pra você. É uma forma de te conectar ao Pai e à Mãe. Você percebia que nós sempre oferecíamos nossa arte a eles e como eles sempre deram muito valor à nossa formação artística e encontrou seu

caminho de demonstrar seu amor. Nós adoramos sua comida.

MÁRIO: Eu esperava mais de você, Clarice. “Se você considera arte”? Desde quando você acredita nessa relativização ontológica? Para alguém que discursa tanto sobre o que a mulher tem que aguentar de condescendência masculina, você está sendo bem condescendente. Eu não quero que você passe a mão na minha cabeça. Quero que vocês simplesmente aceitem que não têm a fineza de entender a complexidade artística da gastronomia.

CLARICE: Você é impossível.

PILAR: Vocês desculpem que eu interrompa dessa forma, mas eu tenho uma sugestão. Eu estou maravilhada com esse

jantar e estou completamente aberta à experiência que o Mário está propondo, mas também nunca parei para pensar se gastronomia é ou não é arte. Eu não conheço nenhum de vocês muito bem. Não morro de amores nem guardo rancor de ninguém. Me considero uma pessoa bem neutra aqui, apesar de transar com a Patrícia e com o Muller.

ÉRICO: Ah, é? Com ela também?

CLARICE: Sério, Érico?

PILAR: Continuando, eu acredito que eu seria uma boa juíza. Proponho, assim, um debate sobre o estatuto artístico da gastronomia, começando com a entrada do próximo prato – após, claro, degustarmos em silêncio as primeiras porções.

CLARICE: Nossa, você fala bem, Pilar, com o que você trabalha?

PILAR: Eu vendo sapatos no shopping.

CLARICE: Não dá pra ver.

PILAR: Nem sempre a gente é o que a gente faz...

MÁRIO: Eu topo. Acho mais civilizado assim.

OSWALD: Se continuar assim eu vou ficar com tesão no meio do jantar, delícia...

ÉRICO: Valdinho, pelo amor de Deus.

CLARICE: Ainda dá pra usar civilizado pra alguma coisa em plena era pós-colonial?

MÁRIO: Isso é outra discussão, mantenha o foco.

PATRÍCIA: Ih, agora quem precisa ir ao banheiro sou eu.

ÉRICO: Eu vou aproveitar para fazer só mais uma ligação, rapidinha, juro que já volto.

### 3. Plat

MÁRIO: Conforme o prato se aproxima da mesa, o primeiro impacto é o cheiro. Contraste: a névoa do mar ainda se dissipa da sala silenciosa, dando lugar ao odor forte, impregnante, da carne caprina. A fome aguçada pelos temperos excitantes da entrada. Os sentidos afiados pelos estímulos variados e sutis. A boca inicia uma farta produção de saliva, que é dissolvida em pequenos goles de água. É posto à mesa: a crosta externa ainda borbulhando pelo calor

da fornalha, o sangue uniformemente espalhado pelo interior, colorindo de tons rosados a carne. É o clímax de uma narrativa que vem sendo lentamente construída, o momento de ação, de emoções fortes. É um assado de moxotó de Arcoverde marinado em vinho branco e acompanhado de fruta-pão com molho de pimenta de cheiro. É viagem cansativa: sai-se da praia matinal, da tranquilidade bucólica das ondas, para o interior do sertão, em que o Sol, agora, deixa de ser coadjuvante e se torna protagonista: pinta de tons amarelos, laranjas e vermelhos um mundo efervescente. O coro de animais no pasto. O casco das mulas arrastando o chão rachado. O sino da igreja e as crianças



voando pro açude. Comer não é mais uma contemplação, mas um ato de força, a comemoração do triunfo sobre a natureza agreste. A comida luta contra seus garfos finos, suas línguas sensíveis. O calor os preenche. Mas, ao fim, vocês vencem. E sorriem satisfeitos diante dos despojos do combate.

PILAR: Palmas. Talvez Mário devesse ser o escritor da família, afinal.

CLARICE: Certo dia, num museu qualquer de arte contemporânea, uma dama apoia a bolsa no chão para tirar uma foto e se esquece de recolhê-la. Volta, dez minutos mais tarde para pegá-la. Está rodeada de contempladores. Um deles discursa sobre a tensão entre o sublime e o mundano, sobre

o valor agregado, o lugar do consumismo no mundo contemporâneo. É a polêmica do século: a arte cria o discurso crítico ou o discurso crítico cria a arte?

OSWALD: Nesse formato, a arte ganha o estatuto de simulacro: é inacessível antes do discurso que a apresenta ao público, logo, como podemos comprovar que não foi criada pelo mesmo discurso?

PILAR: Então vocês estão dizendo que a arte real de Mário seria a arte retórica, de criar pelo discurso a arte que ele acredita – ou quer acreditar – existir a priori?

CLARICE: Touché...

PATRÍCIA: Eu vi essa história da bolsa no chão, mas era ao contrário. O faxineiro achava a arte no museu, pensava que era

lixo e jogava tudo fora. No final ainda queriam que ele pagasse o prejuízo. Agora vocês veem, até faxineiro vai ter que ter curso de artes pra trabalhar em museu!

MÁRIO: Não é retórica vazia da minha parte. Toda arte tem um discurso de legitimação. Mas as artes clássicas contam com um discurso que já se cristalizou na prática comum. Imaginem ter que apresentar a noção de ficção para um povo que jamais a experimentou. Não haveria a necessidade de explicar suas convenções? Convenções que hoje são tácitas pra nós...

ÉRICO: Eu acho furada tentar caminhar pelo discurso da e sobre a arte. É fácil se esquivar no território da arte contemporânea. Por que não atacamos, um

ponto mais simples, kantiano, a imanência da arte? Não é isso que separa a sua banana, sem duplo sentido...

MAFALDA: Érico adora uma piadinha de mau gosto!

ÉRICO: ... da banana exposta na parede de um museu? Aquela é arte, uma vez que se desloca do campo do uso para o campo de contemplação estética. Se inutiliza. Não importa o quão bem você faça sua gastronomia, ela está sempre vinculada a um fim outro que não o juízo estético.

MÁRIO: O vinho está te subindo à cabeça, Érico, a imanência é do juízo, não do objeto. A flor é alvo do juízo estético e ninguém – talvez o Oswald nos seus poemas bregas – diria que ela é uma

finalidade em si. Aceitar que a obra de arte só existe em sua imanência artística é negar séculos de história da arte em prol de uma visão burguesa e moderna de arte.

OSWALD: Tão *ad hominem*. Devolvo seu tapa com uma flor: esse cabrito está maravilhoso. Eu pretendia chegar em casa e me divertir com essas damas, mas depois desse prato acho que será difícil.

ÉRICO: Que tal nos poupar das suas intimidades, Valdinho? Olha a criança ali.

OSWALD: Continuando, o Érico pode estar se enrolando, mas é tudo uma questão indissociável, a imanência e o discurso, cara. Não é que a arte precise estar isolada do mundo, se não, de fato, o mundo pré-moderno estava ferrado. E eu também me

excluiria, porque meus poemas são feitos para agir sobre o mundo.

ÉRICO: Você ainda vende aqueles livretos na porta do museu?

MAFALDA: Não entendo porque o Valdinho não manteve o emprego na empresa da família para ter uma garantia...

CLARICE: Érico, não alfineta. Ele tá falando.

PATRÍCIA: Não tem problema, não, Clarice. Isso não vai humilhar ele não. Não existe nada de errado em levar um pouco de arte para as pessoas.

MAFALDA: Exato, aqueles meninos que cantam rap no metrô sempre alegam a viagem.

OSWALD: Você tá dizendo que...

ÉRICO: Opa, desculpa, gente, eu... eu preciso atender essa ligação aqui. É um probleminha...

PILAR: A gente para enquanto ele atende?

MAFALDA: Se eu parasse cada vez que ele atende esse celular não teria nem casado ainda.

PATRÍCIA: Fruta-pão é um negócio engraçado, né? Já pararam pra pensar que fruta-pão existia antes de existir pão? Qual era o nome dela antes? Só fruta?

OSWALD: *Rimas* em filipino, de onde ela vem.

PATRÍCIA: Então, o certo é chamar o pão de massa-*rimas*, né?



CLARICE: Se gastronomia é arte, o que seria um vegetariano? Um crítico moralista, um artista panfletário?

MÁRIO: Pelo menos você já está aceitando a hipótese...

OSWALD: ANDA, ÉRICO, DESLIGA ISSO, VOU COMEÇAR A GEMER NO CELULAR!

MAFALDA: Pelo amor de Deus, Valdinho, não provoca. Você sabe que ele ainda não superou o dia do trote.

PILAR: Trote?

MAFALDA: Valdinho ouviu sobre uma reunião que ele ia ter e pediu pra um amigo dele ligar pro celular do Érico e dizer que erraram o horário da reunião e que seria em meia-hora. Ele saiu correndo daqui, pegou

um táxi até o Recreio dos Bandeirantes e ficou duas horas sentado num restaurante vazio no meio da tarde.

OSWALD: Pelo menos ele teve bastante tempo para trabalhar no celular longe da gente, que parece ser o plano sempre que ele vem pra cá.

MAFALDA: Você não supera o fato de que ele venceu na vida, Valdinho. Você poderia ter vencido também, mas não quis assumir sua parte nos negócios...

CLARICE: Venceu?

MAFALDA: Eu não sei qual o problema de vocês. Qual a dificuldade de formar uma família e trabalh...

ÉRICO: Pronto, desculpa, foi um segundo. Onde a gente tava? Mário já aceitou que a

diferença entre ele e um chapista do McDonalds é o preço dos ingredientes?

MÁRIO: Érico, olha só...

ÉRICO: Você precisa aprender o que é uma piada, Mário, meu deus. Olha, o Valdinho entendeu.

MÁRIO: O que eu não entendo, seus... merdas, é porque vocês continuam vindo se todo jantar vocês vão se comportar da mesma forma. Qual a dificuldade de sentar e comer a droga da comida e dizer “Parabéns, Mário, foi uma experiência maravilhosa”. São horas na cozinha. Dias de preparo, semanas pensando no conceito do jantar. E vocês não aceitam. E não é porque culinária é isso ou aquilo, é porque vocês vivem na porra de uma bolha de ego

indestrutível e vocês falam mas o som não consegue atravessar a bolha e ninguém ouve ninguém.

CLARICE: Se o Érico aprendesse a não interromper as pessoas...

ÉRICO: Eu? Não tem uma puta fala minha que você não pontue com uma censura pós-moderna. Passa o jantar inteiro julgando todo mundo de cima desse pedestalzinho estreito de intelectual decadente, com essa sororidade performática com a Patrícia, que depois ri de você escondida e te imita. Ela te imita. E fica direitinho porque é capaz de captar essa afetação que você tem segurando o cigarro e gesticulando como se desse migalhas aos pobres.

PATRÍCIA: Porra, Érico, o que eu tenho a ver com a história?

MAFALDA: Se fosse sororidade de verdade você me chamaria, né, Clarice?

CLARICE: Mafalda, você não é uma pessoa de verdade... Você é uma sombra, uma coadjuvante, um apêndice. Eu nunca enxerguei você de verdade. É como se o Érico tivesse juntado todas as idealizações moralistas dele sobre o que é ser uma esposa e tivesse modelado você a partir delas. E, obviamente, ele não está satisfeito com o resultado. Porque idealizações são feitas pra ficar na cabeça. Depois que elas escapam para o mundo real, começam a rapidamente degenerar em frustração e tédio. Deve ser por isso que o perfume

almiscarado de macho alfa que ele gosta de usar está na nuca da Patrícia.

MÁRIO: E o que isso tudo tem a ver com a gastronomia? Tá vendo, vocês já perderam o ponto de novo e estão falando sobre si mesmos...

OSWALD: Caralho, Mário, ninguém liga pra porra da gastronomia. Não é que a gente queira falar sobre nós mesmos, é que a gente quer falar sobre qualquer coisa que não seja a romantização de um legume!

ÉRICO: Calma, amor, ela tá maluca...

OLHA O QUE VOCÊ FEZ, CLARICE, QUE MERDA! Você não vai dizer nada, não, Patrícia?

PATRÍCIA: Do tipo?

MAFALDA: Do tipo por que você avançou no meu marido?

PATRÍCIA: Ah, tá. Sei lá. Acho que foi fantasia mesmo. Uma coisa meio prazer pelo abjeto, sabe? Que nem esse pessoal que tem fetiche em pé.

OSWALD: Mas não é toda pessoa que tem fetiche em pé que vê isso como algo abjeto, o pé pode ser...

MAFALDA: FODA-SE O PÉ, VALDO!  
Eu quero saber se você não tem vergonha de destruir uma família assim!

ÉRICO: Como assim destr...

MÁRIO: Ninguém destruiria nada se estivéssemos seguindo a proposta da Pilar e falando sobre...



PATRÍCIA: Acho que essa pergunta você tem que fazer pra ele, né, Falda? Ele que jurou sei lá o quê pra você no altar. Eu não menti pra ninguém. Inclusive estou aqui sendo super honesta contigo... só nunca te prometi que não ia transar com o Érico, ele que te prometeu que nunca ia transar com ninguém mais... A gente tem que aprender a prometer só o que pode cumprir...

CLARICE: Sinceramente, vocês parecem saídos de uma corruptela de Nelson Rodrigues.

OSWALD: E o mais triste é pensar que, no fundo, você tem inveja de algo que acontece nas nossas vidas, quando o máximo que você experimenta ao longo do ano é alguma doença do seu gato...

MAFALDA: Você não vai falar nada, Valdinho? Não está surpreso?

OSWALD: Ela me contou. Confesso que fiquei surpreso quando soube. Achei um nojo. Nunca entendi. Mas não dá pra dizer que a gente algum dia vai entender o que se passa na cabeça do outro quando o assunto é sexo...

MAFALDA: Eu não sei porque a gente veio visitar esse paisinho de merda...

ÉRICO: Vocês são uns degenerados sinceramente...

PATRÍCIA: Pelo menos não fingimos ser algo que não somos...

ÉRICO: Amor, olha, isso...

MAFALDA: Que amor, Érico, do que você tá falando ainda? Durante a porra da festa, com seu filho aqui...

ÉRICO: Eu... o trabalho e, eu não sei...

MAFALDA: Eu só não estou dizendo tudo que eu tenho a dizer porque eu não quero dar o prazer pra essa amargurada...

ÉRICO: Qual o seu problema, Clarice. Por quê? Esse é o preço do seu tédio?

CLARICE: Todos sofrem tédio, Érico, não me venha com essa. Você transou com ela por tédio, ela transou com você por tédio, o Oswald arranhou essa outra aí por tédio, o Mário cozinha por tédio, eu tomo tarja preta por tédio, pra impedir que eu simplesmente me jogue de um prédio e desista de viver o absurdo do despropósito da vida. Só não

sofre tédio quem se distrai fácil com a mediocridade, como a Mafalda.

MAFALDA: EU JURO QUE EU SAIO DA MEDIOCRIDADE PRA TIRAR ESSA SUA CARA DE DEBOCHE!

ÉRICO: ME AJUDA A SEGURAR ELA AQUI, QUE A CULPA É SUA, SUA PUTA DOIDA!

MAFALDA: EU NÃO QUERO QUE ELA ME ENCOSTE, TIRA A MÃO DE MIM TAMBÉM SEU MERDA!

OSWALD: TÁ VENDENDO ESSE É O CARA QUE VOCÊ...

PATRÍCIA: AH, VALDO, NÃO VEM COM ESSA...

CLARICE: SAI DE CIMA DE MIM SUA...

(...)

PILAR: Desculpem ter jogado a garrafa de vinho na parede, mas eu precisava de um gesto drástico pra chamar a atenção. Sem querer me meter demais, mas olhem o estado do Mário. Esse é um dia intenso pra todos vocês, claro. É o aniversário de morte dos seus pais. Morte por acidente, sempre difícil. Mas parece ser especialmente difícil pra ele. Afinal ele, mesmo conhecendo vocês – eu adianto que já tive minha cota, não contem comigo no futuro –, faz isso tudo, não pela comida, claro, mas para ter vocês por perto... Então, vamos fazer assim: a próxima comida está chegando, eu quero provar esses queijos lindos; O Mário vai limpar essas lágrimas e esse catarro; a

Clarice vai fumar um cigarro lá fora; a Mafalda vai se recompor pelo filho que está traumatizado ali no cantinho da porta e a gente vai degustar tudo em tranquilidade. Eu juro que a próxima garrafa eu jogo no primeiro que fizer escândalo durante o jantar.

#### **4. Plateau de fromages**

PILAR: Só vou começar a comer depois que você explicar, Mário.

MÁRIO: Não precisa, eu não acho que...

PILAR: Assim você quebra minha experiência...

PATRÍCIA: É, Mário, eu altamente viajo nessas tuas descrições, me imagino nos

lugares e tal. É até melhor que a comida, inclusive... Tô, brincando, calma.

MÁRIO: Bom... o prato é...

ÉRICO: Eu nem vou interromper pra fazer piada dessa vez.

CLARICE: Ai, Érico, cresce!

MÁRIO: Eu... é... o prato que vocês estão prestes a provar é minha obra prima. No interior da Sérvia, na região pantanosa da reserva de Zasavica...

CLARICE: Esse nome me é familiar...

MÁRIO: ... um homem solitário chamado Slobodan Simić produz um queijo único no mundo: o Pule. É preciso descer em Belgrado e pegar uma longa estrada pelos Balcãs até chegar a esse refúgio. Ouve-se ao fundo o raro canto do socó-dorminhoco,



o arrastar das águas gélidas do rio Sava. Entre a vegetação cansada, curvada pela umidade nublada, ergue-se a fortaleza solitária de Simić. Lá, esse homem fez o impensável: produziu um dos mais finos e raros queijos do mundo a partir do leite de burra...

ÉRICO: Para de rir, Valdinho, porra, você está dificultando a minha vida...

OSWALD: Eu tô rindo da sua cara...

PILAR: Chega.

MÁRIO: Sim, parece engraçado, mas o Pule, que pode chegar a custar mais de mil euros por quilo, é feito a partir do leite de burra. E eu explico o porquê é tão raro. As burras não são como as vacas, grandes produtoras de leite, podendo alimentar uma

família inteira sem dificuldade. As burras fornecem não mais que o mínimo necessário para que sua cria cresça. O que uma vaca faz em um dia tranquilo de trabalho, requer da burra um ano de diversas ordenhas diárias. Uma vez você reúne o escasso leite, um novo problema surge: a caseína, proteína do leite responsável por dar a liga ao queijo, é escassa no leite de burra, tornando impossível transformá-lo em algo sólido. Apenas a dedicação incansável, a experimentação, a *arte* de Simić foi capaz, através de um processo secreto, de unir aquilo que deveria permanecer separado. Podem pegar.

CLARICE: Eu... esse sabor é maravilhoso...

PATRÍCIA: Gente...

MÁRIO: Normalmente, para você comer esse queijo, você precisa ir até Zasavica. Foi o que os nossos pais fizeram poucas horas antes de morrer.

CLARICE: Zasavica...

MÁRIO: Esse foi o último sabor provado pelos chefes da família Muller antes do trágico acidente que os arrebatou de nossa presença. Comer esse queijo é uma viagem não apenas no espaço, como as outras, mas uma viagem no tempo e na memória. Há algo na arte culinária que a torna muito especial e que poucas pessoas dão atenção: nossos dispositivos de retenção e recuperação de informação funcionam bem por escassez. Por isso nos é difícil lembrar a

arquitetura da casa de Petrópolis ao mesmo tempo em que, ao sentir o cheiro peculiar da madeira envelhecida do chalé, somos transportados por inteiro para os natais mágicos da infância, em que Érico e Mafalda passeavam pela cidade de mãos dadas, que Oswald caçava insetos com seus sempre novos amigos e que eu e Clarice falávamos sobre o futuro tomando chocolate quente perto da lareira. Estamos sempre atentos ao que vemos, ao que ouvimos até, mas um cheiro peculiar é raro e sua raridade faz com que ele seja ideal para uma lembrança sólida e duradoura. A gastronomia não só usa o poder do cheiro, mas une a ele outros ainda mais raros estímulos sensoriais: o tato elevado à sua

máxima sensibilidade no complexo de nervos e músculos que é a língua, e, claro, o paladar. O gosto do Pule não se confunde com outros sabores na vida. Ele será sempre o gosto único e específico do Pule. E sempre trará a sólida memória de quem o experimenta por primeira vez. O Pule tem o gosto de nossos pais. Mas também o nosso próprio sabor. O Pule é a metáfora para a nossa própria vida. Como poderia isso não ser arte? Um queijo que requer um ano de preparação, de esforço, para um momento efêmero de contato. Um queijo impossível de criar liga, mas que, pelo esforço de um recluso ermitão, acima de todas as probabilidades, se une em raros momentos e que, enquanto está unido,

verdadeiramente unido, é algo mágico, único, digno de que o mundo todo pare para observar. Eu tenho a teoria de que nossos pais sabiam desse potencial do queijo. Por isso gastaram tanto em uma viagem tão estranha como aquela. Eles sabiam. Quando eles morreram, eu caí em um buraco muito mais escuro que vocês possam imaginar. É algo que talvez só alguém que foi adotado depois de uma certa idade possa entender perfeitamente. Pertinência. Saber seu lugar no mundo. Saber a sua gente. Vocês nasceram Muller e cresceram Muller, são Muller não importa o que aconteça. Eu sempre fui um Muller à revelia. Eles e eu nunca deixamos de fazer esforços para que isso ao meu redor fosse lar. Enquanto eles

estavam presentes, eram como um eixo gravitacional que me segurava, me impedia de vagar em direção à sombra fria da solidão. Quando eles partiram, eu me senti novamente no orfanato. Aquele buraco. Aquela sensação de desamparo. A falta de um... ninho. Eu fui até Belgrado procurando por eles, eu juro. Eu caminhei por aquela estrada, quase morri congelado. Eu queria entender. Então eu cheguei em Zasavica. E provei o Pule ainda com lágrimas nos olhos e um coração oco. E entendi. Desde então eu venho tentando obsessivamente reproduzi-lo. Esse ano eu consegui. Eu sou o eixo gravitacional agora. Eu sou o que nos manterá unidos, independente dos ódios internos que vocês nutrem. Porque eu



preciso de vocês. Porque vocês precisam de vocês e não conseguem admitir isso. Porque o pequeno sorriso que a Clarice dá quando ouve uma piada menos sofrível do Érico é o que o alimenta. Porque os conselhos brutos do Érico são o que mantém o Oswald sóbrio. Porque os dramas do Oswald é o que dá cor às tardes cinzas de Clarice. E porque eu sou o único capaz de dar liga a vocês. E, assim, dar liga a mim mesmo.

## **5. Dessert**

OSWALD: Fodam-se vocês, eu venho aqui só por esse pudim. Gente, não existe culinária refinada que vença o pudim de leite. Não adianta.

MAFALDA: É uma coisa que faz falta lá nos EUA, essa culinária mais caseira, lá é tudo muito artificial gente...

ÉRICO: O Valdinho ia se adaptar bem. Fast food barato e promiscuidade. Califórnia é feita para você.

PATRÍCIA: Ele nunca conseguiria morar na terra do capitalismo, né, Mô? Ele ia secar por dentro.

CLARICE: Pra mim todo país é igual, só muda o sotaque da miséria humana.

ÉRICO: Mas no passaportezinho dela têm páginas e páginas de Grécia, França e Itália e nem um carimbinho de uma Austrália, um Chile, um Canadá.

CLARICE: Pra ver natureza eu fico por aqui mesmo que é mais barato.

PATRÍCIA: Por isso eu prefiro literatura. Baudelaire é Baudelaire lido em qualquer lugar. Diria até que a Paris de Baudelaire é mais Paris que a Paris que lá está hoje. A literatura mora no campo das ideias e isso a torna indestrutível. Funciona para a música também. Agora a pintura, a escultura, são matéria. Decadente, degenerante.

ÉRICO: E por isso mais humana. E mais sublime. Estar na frente da história. É diferente de ouvi-la. A pintura está para o sexo como a literatura para a pornografia.

CLARICE: Lá vem você com suas comparações esdrúxulas.

MÁRIO: E é por isso que a culinária é ainda mais sublime. Só existe enquanto está sendo destruída pelos seus próprios

espectadores. Destino deliciosamente trágico.

OSWALD: De alguma forma os personagens da literatura também só existem enquanto estão sendo consumidos. Vida curta de fantoche.

PILAR: Talvez todos nós. Talvez a gente só exista enquanto existe alguém para nos imaginar. E quando ninguém mais lembra, o fim. Luisinho, vem cá.

MAFALDA: LUISINHO VEM CÁ QUE A TIA PILAR QUER FALAR COM VOCÊ LARGA ESSE JOGO MENINO! Ele só quer saber desse celular o tempo todo, meu Deus do céu, maldita hora que a gente foi inventar de dar celular pra esse menino.

PILAR: Prova isso. Não, não faz essa cara. Abre a boca. Não importa se você não gostar. Prova. Quanto antes você provar, provar direitinho mesmo sem cuspir, antes vai poder voltar a jogar seu celular. Isso, mastiga bem, sente o gosto. Esses são seus avós, Luisinho. Coma sempre em memória deles.

Uma a uma, as luzes do velho casarão vão minguando e os faróis se perdendo pelos meandros da estrada escura. Acenos, abraços, olhares de mágoa. Das vozes apenas os ecos. Mário senta na varanda. Já não há contraste entre o cálido conforto do dentro animado e o fora frio que o assistia.

Tudo volta a ser o sereno cinza e satisfeito  
de sua própria solidão balcânica.



Design gráfico

*Pedro Sasse*

Autores

*Jonatas Tosta B.*

*Gabriel Sant'Anna*

*Lucas M. Carvalho*

*S.*

Capa

*Imagem de Thanks for your Like • doações*

*por Pixabay*